

convergência

MAI — 1986 — ANO XXI — Nº 192



- **MARIA, MULHER PROFÉTICA**

Irmão Ilário Caresia, FMS — página 211

- **ABBA — A ORAÇÃO DE JÊSUS**

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ — página 236

- **O SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO**

Pe. Fr. Mateus Rocha, OP — página 242

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:

Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:

Pe. Ático Fassini, MS

Pe. Cleto Caliman, SDB

Ir. Delir Brunelli, PIDP

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ

Assinaturas para 1986

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:

Até 30.04.1986 Cz\$ 170,00

Exterior: marítima US\$ 38,00

aérea US\$ 48,00

Número avulso Cr\$ 17,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

O Irmão Claudino Falquetto, FMS, Presidente Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil, lançou um concurso, em 1985, em todo o Brasil, para escolher o logotipo da CRB Nacional. Venceu o concurso o Arquiteto, Irmão Analino Zorzi, FSC, Religioso do Instituto dos Irmãos das

Escolas Cristãs, (Lassalistas), de Porto Alegre, RS. Aqui está a interpretação feita pelo Autor sobre a sua arte: "As três faixas representam os três votos que os religiosos professam. As faixas formam, visualmente, as mãos em oração, orientadas para cima, num sentido positivo, para o bem, para Deus. Ao mesmo tempo, uma faixa branca invade as mãos e as envolve: é o invisível mas presente SER que é Deus. A entrega, a oferenda do religioso e a aceitação e envolvimento de Deus estão expressos no conjunto do desenho. As mãos se encontram como os seres humanos se encontram em Deus. E é com suas mãos que os religiosos ajudam a transformar a realidade num mundo de justiça e fraternidade, servindo os homens, seus irmãos. Sugerimos a cor azul por lembrar o infinito de Deus e a eternidade do homem em Deus". Convergência vai publicar a arte do Irmão Analino Zorzi, FSC, em branco, vazado na cor, que varia em cada mês.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL 193

À MARIA: O DOM DO CONCÍLIO E OS FRUTOS DO SÍNODO

Mensagem do Papa 195

INFORME DA CRB 199

MARIA, MULHER PROFÉTICA

Irmão Ilário Caresia, FMS 211

AS MULHERES PROFETISAS NO ANTIGO TESTAMENTO

Lúcia Weiler e Tereza Cavalcanti 225

ABBA — A ORAÇÃO DE JESUS

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ 236

O SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO

Pe. Fr. Mateus Rocha, OP 242

A CRISE DO RELIGIOSO NA MEIA-IDADE

José Luís de Mata 252

EDITORIAL

A crise pela qual o mundo hoje passa, é global e radical. O universo da modernidade transita para novo espaço, ilimitado, o da pós-modernidade. Transição vertiginosa, questionadora.

Toda crise histórica tem seus profetas, "consciência desperta do povo", que levantam voz e mãos para a preservação do essencial em risco. E o que hoje está em risco é a própria VIDA. E de VIDA, quem mais entende se não a MULHER? Não será por isso mesmo que a MULHER, mais do que nunca, levanta hoje punho e voz? Consciência desperta, sentinela e fonte de vida, profetiza ela a favor dos torturados, mortos e desaparecidos filhos seus. Profetiza clamando por justiça, liberdade e dignidade para os povos oprimidos a que pertence. Profetiza pela ação e presença solidária junto aos pobres, os doentes, os menores jogados à margem da vida. Sua luta é profecia que conclama à VIDA, à nobreza da VIDA que Deus a cada um de seus filhos concedeu.

Não faltam hoje, na grande sociedade, profetisas da VIDA.

Não faltam, sobretudo na Igreja, MULHERES que assumem seu papel profético.

RELIGIOSAS têm, na Igreja e no mundo atuais, seu KAIRÓS,

a graça, o momento oportuno que Deus lhes confia para que se preserve ao menos o essencial que Ele deseja para a humanidade, seu povo. Presença solidária aos pobres e fracos de vida, promoção da dignidade de todos, ação pastoral, engajamento pela justiça e fraternidade segundo o Projeto de Deus, são o campo da profecia que hoje a Religiosa, com seu jeito feminino de ser e viver, tem diante de si.

MARIA, a grande Profetisa de Deus no seu Povo, a todas inspire!

CONVERGÊNCIA, nesse mês de maio, oferece a seus estimados leitores:

"MARIA, MULHER PROFÉTICA", de Irmão ILARIO CARESIA, FMS. Nesse substancial texto, desde sua introdução, Irmão ILARIO situa o contexto de sua reflexão: "...analisar o papel profético de Maria para com a Igreja e para com a Vida Religiosa, hoje, junto aos povos da nossa sofrida, injustiçada e oprimida América Latina". "Maria nos dá a dimensão exata do profetismo, Ela que viveu numa época não muito diferente da nossa". "Ela é de fato um ponto de referência perfeito, sempre atual, para todos quantos querem viver o Reino de Deus."

"MULHERES PROFETISAS NO ANTIGO TESTAMENTO" é trabalho de conjunto de TEREZA MARIA POMPEIA CAVALCANTI, Professora de Teologia na PUC-RJ, e de Irmã LÚCIA WEILER que prepara tese de doutoramento em Teologia na mesma Universidade. O artigo é reformulação de estudo apresentado em Encontro de Teólogas, recentemente, em BUENOS AIRES, e a ser publicado em REB.

"ABBA — A ORAÇÃO DE JESUS", de Pe. MARCELLO DE CARVALHO AZEVEDO, SJ. Dando continuidade às suas reflexões sobre a oração de Jesus, Pe. MARCELLO analisa o significado de "ABBA" e o tipo e intensidade vital da relação filial que essa palavra traduz através da oração de Jesus na presença do Pai. "A experiência de um Jesus orante é um referencial maior na formação da oração cristã dos primórdios, e um dos traços de sua originalidade. Chama a atenção, por certo, que Jesus se dirija a Deus como PAI e o faça usando esse termo ABBA".

"O SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO", de Frei MATEUS ROCHA, OP. Frei MATEUS faleceu em acidente ocorrido a 23 de janeiro de 1985. Muito escreveu sobre a Vida Religiosa. Após sua morte foi descoberto, em "confissão de seu diário", um pensamento que mostra sua tempera e a qualidade de seu se-

guimento a Cristo: "Jesus Cristo me preocupa dia e noite. Não porque eu duvide dele; mas é que somente Ele tem respostas para as perguntas que faço a mim mesmo". Frei MATEUS muito colaborou com a CRB. Fez parte de sua EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA. CONVERGÊNCIA, com a publicação desse texto, presta uma homenagem de saudade e agradecimento a esse admirável religioso, Frei MATEUS ROCHA, OP.

"A CRISE DO RELIGIOSO NA MEIA-IDADE", de JOSE LUIS DE MATA, foi publicado em VIDA RELIGIOSA n.º 1 de 1983, p. 38-50, MADRID, sob o título "LAS CRISES DEL RELIGIOSO EM SU EDAD MADURA". CONVERGÊNCIA publica no presente número, um resumo desse artigo, resumo feito pelo Irmão HENRIQUE JUSTO, FSC. Trata-se de reflexão que tem ajudado muitos Religiosos em suas crises ou fases de transição ao longo de sua vida madura. CONVERGÊNCIA agradece a VIDA RELIGIOSA. E agradece a Irmão HENRIQUE JUSTO, FSC não só pelo resumo desse artigo de JOSE LUIS DE MATA, mas sobretudo pelo imenso serviço prestado à Vida Religiosa no Brasil através do CERNE da CRB que coordenou durante alguns anos, com a competência de psicólogo e a vivência religiosa que o caracterizam. Obrigado, irmão!

Pe. Atico Fassini, MS

À MARIA: O DOM DO CONCÍLIO E OS FRUTOS DO SÍNODO

João Paulo II

Roma, Itália

Na Basílica de Santa Maria Maior, em Roma, João Paulo II concluiu, na tarde do dia 8 de Dezembro, as grandes celebrações em louvor a Nossa Senhora, que assinalaram também o encerramento solene do Sínodo extraordinário dos Bispos. Durante o Ofício litúrgico das Vésperas, o Santo Padre pronunciou a seguinte meditação em forma de Ato de consagração a Nossa Senhora:

1. "Onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rom 5,20).

As palavras da Carta aos Romanos referem-se, na liturgia de hoje, sobretudo ao mistério da Imaculada Conceição.

Neste mistério, de fato, nós contemplamos os frutos mais altos da misericórdia divina numa criatura humana. Precisamente onde — no coração de uma mulher: Eva — abundou o pecado —, no coração de uma mulher: Maria, superabundou a Graça. A graça que vem à humanidade por meio de Maria é muito

mais abundante do que o dano que provém do pecado dos nossos Primeiros Pais. Em Maria, como em nenhuma outra criatura humana, vemos o triunfo da graça sobre o pecado, vemos o cumprimento da profecia do Livro do Génesis (cf. Gen 3,15) acerca da "descendência da mulher" que "esmaga a cabeça" da serpente infernal.

2. A vinte anos do dia do encerramento do Concílio Vaticano II, nós, como **participantes no Sínodo** convocado precisamente para esta celebração do vigésimo aniversário, vimos, esta tarde, **em peregrinação** a este Santuário Romano.

Queremos repetir e reviver, hoje, nesta mesma esplêndida Basílica, maravilhoso testemunho de culto mariano, o gesto que o Papa Paulo VI realizou a 11 de outubro de 1963, no dia comemorativo do início do Concílio, para renovar a oração do seu Predecessor, no momento em que os Padres se aprestavam para tratar do mistério de Maria, gesto que ele renovou, na tarde de 21 de novembro de 1964, depois de ter, pela manhã, proclamado Nossa Senhora "Mãe da Igreja".

*In L'OSSERVATORE ROMANO,
15 de dezembro de 1985 pg.
14-15.*

3. Depois da Eucaristia celebrada de manhã junto do túmulo de São Pedro, desejamos aqui, em oração vespertina, **cantar juntamente com Maria o nosso Magnificat.**

— “Ele fez em mim grandes coisas...”.

— Desejamos dar graças ao Senhor, após 20 anos, pelo dom do Concílio Vaticano II;

— desejamos também dar-Lhe graças por todo o bem que se realizou durante os trabalhos do atual Sínodo.

— E agradecemos também à Virgem Santíssima ter estado presente entre nós, durante o desenvolvimento do Sínodo, com a sua eficaz, ainda que invisível, proteção.

— Agradecemos-Lhe ter obtido, do Pai e do Filho, a assistência do Espírito sobre os trabalhos do Sínodo.

— Agradecemos-Lhe ter-nos feito viver a experiência exaltante e inefável da comunhão eclesial. “Oh! Como é bom, como é agradável para irmãos unidos viverem juntos!” (Sl 132/133, 1).

— Agradecemos-Lhe ter sido para nós modelo de escuta da verdade, de dedicação na caridade, de firmeza na esperança, de paciência nas fadigas, de tenacidade nas dificuldades.

— Agradecemos-Lhe ter-nos guiado para a escuta do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ter-nos feito compreender melhor o mistério daquela Igreja da qual Ela é Mãe e membro insuperavelmente excelso e exemplar.

4. Assim como à proteção da Virgem, juntamente com a de São José, o Papa João XXIII confiou os trabalhos, as fadigas e as esperanças do Concílio Vaticano II, assim também desejo renovar **a entrega do grande dom do Concílio**, conservado depois de vinte anos, com os olhos do Sínodo, **nas mãos da Imaculada.** Desejo entregá-lo a Ela, para que a Igreja possa, com renovada dedicação e zelo, realizar o que constitui a sua missão essencial: ser “sacramento da união com Deus... e da união de todo o gênero humano...”.

Para que com novo impulso a Igreja possa dedicar-se à obra salvífica que lhe é confiada pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo.

Para que ela possa ser em Cristo “a luz dos povos” e a “alegria e a esperança dos homens” perturbados por temores e desalentos múltiplos.

Mediante este ato de consagração, juntos peçamos à Mãe de Deus que esteja aqui presente ao nosso lado como Mãe da Igreja, tal como o foi para os Apóstolos no dia do Pentecostes.

Reunidos, nesta hora vespertina, à volta do venerado Ícone de Nossa Senhora, juntamente com os Membros do Sínodo e outros numerosos irmãos e irmãs, peçamos a Maria que possamos reviver a mesma atmosfera espiritual de comunhão, de unidade, de alegria e de esperança, que circundava, como narram os Atos dos Apóstolos (Cf. At 1,14), a primitiva comunidade cristã, rejubilada pela presença da Mãe de Deus.

5. Onde abundou o pecado, superabundou a graça.

Estamos conscientes desta “profusão do pecado” também em **nostra época**, no final do segundo milênio depois de Cristo.

Unidos à Imaculada, ousamos esperar que mais ainda “há-de superabundar a graça”: — Que o poder da Redenção, o poder da Cruz e da Ressurreição de Cristo, se demonstre **mais forte** que todo o mal que existe no mundo e provém do mundo e fora do mundo.

Expressamos esta aspiração já ao longo do Ano jubilar da Redenção — em particular a 25 de março daquele ano — e hoje renovamos esta certeza da fé em união com a Mãe da Igreja e com o Seu Coração Imaculado.

Queremos, como Igreja, ser sacramento, “instrumento” da **Economia salvífica de Deus**. Queremos servir.

Voltemos, pois, o nosso olhar para a Serva do Senhor. Dela queremos aprender Cristo mais a fundo. Queremos conhecer melhor a Igreja e conhecer o homem, para o servirmos de modo cada vez mais perfeito.

6. A isto nos convida também o Sínodo. Ele cumpriu a tarefa que se tinha prefixado de celebrar o grande evento do Concílio, de proclamar e aprofundar os ensinamentos, de verificar e promover mais ainda a sua realização.

Por esta razão o Sínodo voltou a perscrutar o mistério da Igreja, pon-do em evidência a sua realidade de comunhão e a amplitude da sua missão.

Com vigor foi sublinhada a sua conexão com o mistério pascal, de

morte e de ressurreição, reafirmando o valor primário do anúncio e do testemunho da Boa Nova em nosso tempo, e, por isso, do imprescindível empenho de todo o cristão em responder à vocação à santidade, cujo esplêndido exemplo é a Virgem Imaculada.

Desse modo a Igreja se mostra realmente “sacramento”, isto é, sinal e instrumento de unidade, de paz e de reconciliação também entre todos os homens, as nações, as categorias sociais, as culturas, e exerce o seu serviço preferencial, ainda que não exclusivo, pelos pobres, os oprimidos e os marginalizados segundo o espírito genuíno do Evangelho, que é espírito de amor e de misericórdia.

Ao coração materno da Virgem, quase acolhendo os impulsos de um desejo seu, confio todos aqueles que, em toda a parte do mundo, por qualquer angústia ou sofrimento, têm particular necessidade da sua proteção.

7. Assim, pois, com Ela, Imaculada Mãe da Igreja, desejamos louvar “as maravilhas de Deus”.

“Vós, glória de Jerusalém, Vós, alegria de Israel, Vós, honra do novo povo”.

Nesta Basílica antiga, na qual a Igreja de Roma Vos venera como **Salus populi romani**, desejamos dar graças “por tudo o que Deus nos fez”, implorando a Sua misericórdia de geração em geração para a Igreja e para o mundo.

8. A Vós, ó Mãe, entregamos com imensa confiança os frutos e os resultados do Sínodo. A Vós entrega-

mos todos nós, as nossas fadigas, os nossos propósitos, as nossas esperanças. A Vós entregamos a Igreja toda e a humanidade inteira, com especial pensamento por aqueles homens e por aqueles povos que têm particular necessidade e cuja entrega e consagração Vós mais desejais.

Tornai eficaz nas almas, ó Mãe, mediante a Vossa intercessão, a mensagem do Sínodo, de tal modo que possam ser alcançados os objetivos e o renovamento conciliar possa ser descoberto de novo com lealdade, aprofundado com fidelidade, realizado com coragem, apresentado e difundido com entusiasmo e credibilidade!

Vós que, coberta com a sombra do Espírito Santo, gerastes o vosso Filho divino, obtende, com as vossas orações, para a Igreja uma nova efu-

são do Espírito, que traga às almas uma fé mais firme, uma esperança mais pura e uma caridade mais generosa!

Vós que atraís docemente os corações dos homens para a via da justiça e da reconciliação, chamai à unidade da comunhão eclesial aqueles que delas se afastaram ou a quebraram com a rebelião, a desobediência e o pecado!

Vós, que fostes preservada de toda a mácula desde a concepção, defendei os vossos filhos na luta contra o poder das trevas e contra as insídias do erro e da mentira!

O vosso Coração Imaculado reine nas consciências, nas famílias, nas sociedades, nas Nações, na humanidade inteira! Ô clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria. □

Evangelho & Ideologia

João Paulo II: A redução da mensagem evangélica a uma dimensão sócio-política rouba aos pobres o que é o seu direito supremo: o de receber da Igreja o dom de toda a verdade sobre os homens e sobre a presença de Deus na história.

Leitor: Não se presta um serviço à causa dos pobres quando se esvazia a dimensão espiritual e religiosa da missão da Igreja para subordiná-la a um compromisso de libertação temporal. A Igreja, mais do que nunca, está ao lado dos pobres, mas não troca as promessas do Evangelho pelas miragens da ideologia.

Três aspectos de qualquer espiritualidade

1. Que o(a) Religioso(a) não se afaste do mundo, mas realize, também, no mundo o encontro de fé e de amor com o seu Senhor. 2. Que o(a) Religioso(a) se baseie na esperança evangélica. 3. Que o(a) Religioso(a) descubra, pela fé, a ação de Deus nas pessoas e nos acontecimentos.

I N F O R M E

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

DIRETOR DA CRB NACIONAL É NOMEADO BISPO

A 18 de dezembro de 1985, JOÃO PAULO II nomeou BISPO de GUANHÃES, Minas Gerais, a Pe. ANTÔNIO FELIPE DA CUNHA, SDN.

Membro da Diretoria Nacional da CRB, Pe. ANTÔNIO FELIPE há oito anos é SUPERIOR GERAL da CONGREGAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS DE NOSSA SENHORA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO, com sede em MANHUMIRIM, MG. Essa Congregação foi fundada pelo Pe. JÚLIO MARIA, há 57 anos, em MANHUMIRIM. Atualmente conta com 60 Religiosos atuantes em MINAS GERAIS, MATO GROSSO e RONDÔNIA. A ela também pertencem Dom JOSÉ MARTINS DA SILVA, Arcebispo de PORTO VELHO, RO, e Dom ANTÔNIO AFONSO DE MIRANDA, Bispo de TAUBATÉ, SP.

O novo Bispo, Dom ANTÔNIO FELIPE DA CUNHA, SDN, nasceu em INHAPIM, MG, a 1º de maio de 1933. Fez seus estudos com os Sacramentinos, primeiramente em CARATINGA, e depois em DORES DE INDAIÁ, MG. Estudou Filosofia em MANHUMIRIM, e TEOLOGIA no Seminário Maior de MARIANA, MG. A 14 de julho de 1963 foi ordenado Sacerdote.

Como Sacerdote, D. ANTÔNIO FELIPE foi Professor no Seminário Menor Sacramentino de ESPERA FELIZ, Diocese de CARATINGA, e depois Pároco em MANHUMIRIM. Mais tarde exerceu a função de Mestre de Noviços e, ao mesmo tempo, a de Coadjutor na Paróquia de DORES DE INDAIÁ.

Em 1978 foi eleito Superior Geral, tendo sido reeleito ao final do primeiro mandato.

Como Bispo será Pastor da Diocese de GUANHÃES, recentemente criada. Essa nova Diocese conta com 200 mil habitantes distribuídos num território de 17 mil quilômetros quadrados, desmembrado das Dioceses de ITABIRA-CORONEL FABRICIANO, GOVERNADOR VALADARES e DIAMANTINA.

A CRB sente-se feliz com a nomeação de Dom ANTÔNIO FELIPE como Bispo. E através de sua Presidência e Diretoria Nacionais expressa a Dom ANTÔNIO a mais cordial gratidão pelo serviço prestado à Vida Religiosa, como Diretor Nacional da CRB. E pede ao Senhor Jesus que derrame abundantemente seu Espírito sobre Dom ANTÔNIO FELIPE DA CUNHA, SDN para que, como PASTOR, sirva o Povo de Deus que está em GUANHÃES.

Pe. Atico Fassini, MS

CRB REGIONAL DE SÃO PAULO

**Juventude e Vida Religiosa,
XXI Assembléia Geral Ordinária
CRB-SP: 14-17/10/85**

Aconteceu em Itaici, município de Indaiatuba (SP), na "Casa de Retiros" dirigida pelos padres jesuítas, com a participação de **223 religiosos**. "**Desafio da juventude na Vida Religiosa**", tema central, foi trabalhado em dinâmica de grupos simples, grupos cruzados, mini-plenários e plenários, prendendo o interesse de todos da Assembléia. O método Ver, Julgar e Agir serviu de caminho às reflexões.

Olhando para a Vida

No primeiro dia da Assembléia, o Ver constituiu momento forte de toda reflexão. Seis eixos foram analisados traduzindo desafios e tensões. Vejamos: Embora haja também outros importantes, a Assembléia considerou apenas estes aspectos como ponto de partida para o "Ver".

1º — Desafios e tensões quanto às tendências gerais da Igreja e da Vida Religiosa.

O Concílio Vaticano II recoloca o Evangelho no seu devido lugar. O engajamento na pessoa de Jesus Cristo e o chamado para o seu seguimento é a grande motivação da vida consagrada. Surgem daí, conseqüências transformadoras para a Vida Religiosa. A tendência do jovem é a de angustiar-se frente à Congregação que retoma velhas estruturas. Deseja ele tomar iniciativas, buscar inserção e ação imediatista. Tem aspirações que nem sempre correspon-

dem aos valores evangélicos. Por sua vez, as Congregações, nem sempre conseguem dar ao jovem, respostas às suas expectativas. O novo da Vida Religiosa, apresentado por famílias religiosas, nem sempre deixa ao jovem a impressão de ser aceito por seus religiosos.

Brotam alguns questionamentos: não estaremos sublinhando demais as antíteses? Como trabalhar com jovens que buscam a Vida Religiosa com motivações mais ideológicas que evangélicas? Ao querer "formar" o jovem não corremos o risco de arrancar-lhe valores vitais que seriam positivos à renovação da Vida Religiosa?

2º — Desafios e tensões no campo da espiritualidade.

A espiritualidade buscada pelos jovens é comunitária e não intimista. Libertadora e não escravizante. Fundamentada na experiência de Deus a partir do pobre. Encarnada e não alienante.

A espiritualidade de muitos religiosos fundamenta-se em "rezas" e por isso, gera conflito entre o modo do orar dos jovens e o dos religiosos, de um modo geral. Para o jovem, a experiência de Deus acontece muito mais na vida, na luta do povo e aí deseja aprofundar seu aprendizado. Ao mesmo tempo ele rejeita as práticas devocionais expressadas pelo povo, a religiosidade popular.

Têm, os jovens, uma outra visão dos votos. Para eles não é simples consagração a Deus, mas consagração à causa do Reino. Dão-se inteiramente à missão, mas nem sempre há retorno da missão para a vida de comunidade e mesmo para contemplá-la na oração.

Alguns questionamentos são levantados aos religiosos mais antigos e aos formadores das Congregações: a espiritualidade oferecida aos jovens religiosos é encarnada?

Como começar a introduzir uma nova espiritualidade, uma nova contemplação; uma visão de Vida Religiosa? Como levar os jovens a uma opção definitiva dentro de uma sociedade em constantes e rápidas mutuações? A espiritualidade trazida pelos jovens é suficiente para a Vida Religiosa? Têm, os religiosos já formados, a suficiente humildade para abrirem mão do cabedal de experiências que pensam possuir e deixarem-se ensinar pelos jovens? Doutra parte, questiona-se ao jovem a consistência de sua espiritualidade frente a ilusões, inexperiências, fugas.

3º — Desafios e tensões no campo da afetividade.

Diversos tipos de carência podem modificar a vida afetiva das pessoas. O sistema político, social, familiar, econômico podem ocasionar, com raras exceções, desajustamento e por vezes bem profundas. O jovem não pode se furtar a essa realidade. Aqueles que procuram a Vida Religiosa serão isentos dessas marcas? Há carências que interferem no comportamento humano como forma de agressividade ou submissão. Quantos desafios, pois, para a formação dos jovens na sua etapa inicial. Como fazer diante da ambigüidade de valores que sentem eles em seu dia-a-dia? Antes, "vida dura" na família e agora, as facilidades da nova vida?

Como conciliar o valor do celibato e castidade, mediante a existência da contestação social? E as experiências

afetivas e mesmo sexuais vividas antes do ingresso na Vida Religiosa e o projeto de Vida Religiosa a eles apresentado? Como responder aos jovens de nossos noviciados e comunidades formadoras a vida de amizade e amor a que eles anseiam? E a valorização do grupo dada por eles? Como estão, os religiosos mais antigos, vivendo a dimensão de consagração ao Reino, essencial à missão e largamente valorizada pelos jovens iniciantes? Constituem-se eles em sinais?

4º — Desafios e tensões no campo intelectual.

Percebe-se, na sociedade de hoje, o desencontro entre conhecimento intelectual acadêmico e desenvolvimento da consciência crítica. Há conflito subjacente entre cultura intelectual e a prática popular mais vivida nas várias camadas do povo. Entram hoje na Vida Religiosa jovens provenientes dos meios populares revelando, geralmente, baixo nível cultural. Como prepará-los intelectualmente para a missão? Estes jovens trazem o senso crítico bastante aguçado, sem a estrutura intelectual necessária à formação da Vida Religiosa. O que fazer? Alguns recusam o aprimoramento intelectual. Outros buscam, às vezes, a promoção cultural e quando conseguida desertam da Vida Religiosa.

O desafio é grandel Como equacionar a formação intelectual, teológica dentro das exigências reais da vida — hoje? Constata-se uma preocupação grande em todas as famílias religiosas nesta área de formação.

5º — Desafios e tensões na vida comunitária

Criatividade, iniciativa, amizade, abertura ao social são os pontos-chaves para os jovens de hoje. Comunidade fraterna, proposta pelo Evangelho, é o que desejam eles. Como fazer ao faltarem objetivos claros, atualizados e voltados para o futuro nas comunidades formadoras? Consta isso como desafio e área de tensão.

Por parte do adulto é freqüente a falta de paciência na formação dos iniciantes e a não abertura de espaço e tempo para as suas etapas de crescimento. As tensões e conflitos são vistos, muitas vezes, como fator negativo e não como processo de amadurecimento fraterno. Qual o caminho a ser assumido na formação do espírito comunitário?

6º — Desafios e tensões na missão

Para muitos jovens a opção pastoral feita torna-se opção ideológica e não experiência evangélica. Essa falha na orientação gera, entre eles, angústias, desânimos, desistência, além de criar sérios conflitos. O conteúdo intelectual acadêmico focado no tempo de formação corre o risco de produzir "agentes de pastoral intelectuais" sem a necessária vivência comunitária e de fé. Por outro lado, grande número de jovens que ingressa na Vida Religiosa traz grande experiência de engajamento pastoral e sente-se inútil ao ter que reduzir o ritmo de sua atuação apostólica. Há Congregações que não se engajam e não formam para as prioridades apostólicas da Igreja no Brasil. Preocupam-se, hoje, no como agir, para não se privilegiar o fazer em detrimento do ser da Vida Religiosa, no como tornar o ser da Vida Religiosa missionário.

A experiência e Vida

Para o segundo passo das Reflexões da Assembléia, o "julgar", foram tomadas três dimensões como roteiros: A Experiência de Deus — A Experiência de Vida Comunitária e a Missão. Eis a síntese dos estudos em grupo:

1. A experiência de Deus

A ambivalência entre a integração oração e vida constitui-se como elemento desintegrador nas comunidades. Os jovens religiosos fazem melhor experiência de Deus quando inseridos nos meios populares. As comunidades formadoras ainda não estão proporcionando uma autêntica experiência de Deus aos jovens, por incoerência nos ritualismos, levadas pelo individualismo e ativismo. Sentem eles falta da apresentação de um Deus encarnado, pessoal, que vai se revelando em gratuidade. As comunidades nem sempre abrem espaços para o jovem viver sua espiritualidade. A tendência entre os jovens está mais na experiência profética que exige certa pedagogia no encaminhamento da sua oração. A abertura à oração comunitária também ajuda a oração pessoal e litúrgica. Oração como processo de maturidade na fé requer espaço para a liberdade e o respeito ao ritmo do próprio jovem para que faça sua experiência de Deus.

2. Experiência comunitária

Embora exista um visível esforço da redescoberta do valor da vida comunitária, existem ainda lacunas. Ao lado de um processo na caminhada, nota-se uma incoerência na vida comunitária entre palavra e vida. O diálogo, o discernimento, a partilha não veiculam livremente nas comunidades.

A falta de formação humana, o desrespeito pelas diferenças pessoais e pelo pluralismo, o ativismo, a não corresponsabilidade entre os membros, têm trazido certas dificuldades para os jovens como também para os mais velhos.

A vivência em pequenas comunidades parece estar provocando mudanças de comportamento na vida comunitária, pois é exigente e mais empenhativa.

3. A missão

É entendida como: missão da Igreja — Missão da Congregação (carisma) — Tarefas da missão (obras, atividades).

Missão como elemento determinante na formação.

As comunidades falta clareza de objetivos e de síntese sobre a missão. O carisma apresenta-se em muitas, "cristalizando". A dimensão profética da Vida Religiosa parece perder força. A pedagogia à missão é falha na formação.

Os jovens buscam na Vida Religiosa a missão do Instituto como meio forte de consagração ao Reino. Desejam atuar numa Igreja viva e dinâmica onde possam fazer uma experiência, apostólica e de Deus, para valer! Aspiram eles novas formas de presença no mundo, mais comprometida com o empobrecido.

Inserção geográfica, nem sempre gera conversão à missão, pois não há abertura para as interpelações do povo frente ao modo de ser da comunidade religiosa ali presente. Não se trata de eliminar as estruturas mas de transformá-las em resposta às exigências do trabalho apostólico. É muito mais pedagógico

de encarnação e não simples mudanças aparentes como de lugar, hábito, etc. Deixar que o povo interpele a nossa vida e que nós aceitemos a conversão!

Estamos convencidos!

No **terceiro passo**, novamente foram retomadas as pistas anteriores como ponto de partida para o **Agir**. Este por sua vez, foi recolocado em forma de convicções:

1. Experiência de Deus

É fundamental à Vida Religiosa; sempre é um processo histórico. Exige profundo respeito para as diversas etapas de crescimento do formando.

— A experiência de Deus acontece sempre no pobre. Deus se revela no verdadeiro pobre de si e das coisas, sem maiores ambigüidades.

— As dimensões da experiência de Deus são diferentes e multiformes. O formador sensível levará os jovens religiosos a se abrirem àquelas dimensões que ainda não experienciaram: dimensão mística, ética, profética, litúrgica.

2. Experiência comunitária

— Vida Religiosa como projeto-fé em Jesus Cristo encarnado, num processo contínuo de conversão. Hoje, Vida Religiosa e vida comunitária tornam-se quase impossíveis sem a mediação do empobrecido. A comunidade é contínua busca projetada no dia-a-dia, nos conflitos e alegrias.

— Acolhida, aceitação e respeito ao jovem com sua história, cultura e religiosidade dentro de um processo de

auto-crítica. Envolvê-lo na construção da comunidade, pela comunhão e participação, sendo ele o principal agente de sua formação.

3. Experiência da missão

— A missão de Jesus Cristo na Igreja da América Latina tem seu valor e força na explicação do carisma congregacional. Comprometimento de todos os membros das Congregações no conhecimento da **Pessoa, do Projeto e Missão** de Jesus Cristo na causa do Reino de Deus.

— A radicalidade de serviço e profetismo, são sinais do Reino que acontecem aqui e agora e dão sentido à Vida Religiosa quando manifestadas.

— A dimensão comunitária, a corresponsabilidade, realimentação da fé, o diálogo e avaliação na busca incessante e contínua da vontade de Deus no momento atual e no lugar onde se atua, são exigências da experiência da missão.

Conclusão

A Assembléia, com seu tema fundamental, tocou numa área sensível a todas as Congregações. Os jovens e a Vida Religiosa hoje estão continuamente nos questionando. Necessário se faz perenizar os pontos acenados em Itaici. Constante avaliação, espírito de busca, não ter medo de recomeçar, abrir-se ao diálogo, são pilares básicos que garantem o projeto de Vida Religiosa sempre envolvido num grande amor recíproco, e na mesma causa. Trazemos aqui as palavras de Puebla que são marcas de esperança:

“A Igreja confia nos jovens. Eles são a sua esperança. A Igreja vê na juven-

tude da América Latina um verdadeiro potencial para o presente e o futuro de sua evangelização”.

“Os jovens devem sentir que são Igreja, experimentando-a como lugar de comunhão e participação. Por isso, a Igreja aceita suas críticas, e os quer gradualmente responsáveis na sua construção até que os envie como testemunhas e missionários...” (Puebla 1184 e 1186).

(Extraído de NOSSO BOLETIM nº 5, 1985, p. 4-9, da CRB Regional SÃO PAULO — SP).

AS RELIGIOSAS NO BRASIL E SUA DISTRIBUIÇÃO

No intuito de dar continuidade à divulgação dos principais dados do Anuário Católico do Brasil — 1985, que iniciamos na edição anterior do CERIS INFORMA, apresentamos neste número uma tabela relativa ao contingente total de Religiosas professas no País, sua distribuição — assim como de suas casas — pelos diversos Regionais da CNBB e sua relação com o contingente populacional brasileiro. A tabela nos permite ainda detectar as alterações havidas, neste particular, nos 10 anos compreendidos entre 1974 e 1984, através da análise dos números registrados em um e outro dos anos indicados.

Podemos constatar, em 1984, um contingente total de 38.220 Religiosas a serviço da Igreja no Brasil, para uma população estimada de 132.580.000 habitantes, configurando a relação média de 1 Religiosa para cada grupo de 3.400 habitantes. Do total de religiosas, mais da metade (50,6%) estão nos

Regionais Sul, que abrigam 37,1% da população brasileira. De outro lado, os Regionais Leste, com 22,0% da população, contam com 19,9% das Religiosas; as Irmãs residentes nos Regionais Centro e Extremo-Oeste constituem 5,6% do total, para 6,7% da população; nos Regionais Norte, com 5,3% da população, atuam 3,8% das Irmãs, e os Regionais Nordeste, onde vivem 28,9% da população brasileira, contam com apenas 16,6% do total de Religiosas no País.

Tal desproporção no que concerne à distribuição das Irmãs pelos diversos Regionais pode ainda ser verificada a partir do exame comparativo da relação nº de habitantes por Religiosa: apenas no conjunto dos Regionais Sul essa relação é inferior à matéria nacional acima mencionada, situando-se em torno de 2.500 habitantes por Religiosa. Nos demais Regionais, tal relação vai crescendo para 3.800/1, em média, nos Regionais Leste, para 4.100/1 no conjunto dos Regionais Centro e Extremo-Oeste, para 4.800/1 no conjunto dos Regionais Norte, chegando até a 6.000/1, em média, nos Regionais Nordeste.

Contudo, se cotejarmos estes dados com aqueles referentes a 1974, observaremos que o quadro atual não deixa de expressar uma dinâmica ocorrida nos 10 anos considerados, e que poderíamos interpretar como um esforço da parte dos Institutos Femininos no sentido de uma maior disponibilidade de suas Religiosas para a inserção em áreas mais carentes do País. Com efeito, apesar de o efetivo total de Religiosas haver diminuído em 1,5% ao longo do decênio, e de a população brasileira haver crescido numa taxa de 27,2% no mesmo período (agravando a relação

nº de habitantes por Religiosa), o número de Irmãs aumentou em 24,66% nos Regionais Centro e Extremo-Oeste, em 17,2% nos Regionais Norte, e em 7,2% nos Regionais Nordeste — em contraposição ao ocorrido nos Regionais Leste e Sul, onde o seu número diminuiu em 8,2% e em 4,5% respectivamente.

Importantíssimo observar também que à redução havida no contingente total de Religiosas não correspondeu uma redução no número de suas casas ou comunidades: ao contrário, o número de casas aumentou em todos os Regionais, e de modo mais expressivo justamente nos Regionais Norte (47%), Centro e Extremo-Oeste (45%) e Nordeste (44%). Nos Regionais Sul esse aumento foi de 16% e, nos Regionais Leste, de 5%. Donde o número médio de Religiosas por cada casa ou comunidade ter-se reduzido de 8 Irmãs, em 1974, para 6 Irmãs, em 1984. Os dados parecem indicar, assim, além do esforço no sentido de uma maior inserção nas áreas mais carentes, conforme já comentamos, também uma opção crescente por uma presença das Religiosas nessas áreas sobretudo através de pequenas comunidades.

In CERIS INFORMA nº 14, dezembro de 1985 pgs. 4-5.8.

O IRMÃO RELIGIOSO

"Em resposta a uma resolução unanimemente adotada pela assembléia anual da Conferência Masculina de Superiores Maiores nos ESTADOS UNIDOS da América, reunidos em NOVA YORK, a 15 de agosto de 1985, e ao

nosso diálogo com S. Emclia. JOÃO JERÔNIMO CARDEAL HAMER, Prefeito da CONGREGAÇÃO DOS RELIGIOSOS E INSTITUTOS SECULARES, o conselho da direção nacional da Conferência Masculina de Superiores faz um apelo urgente para que se removam todos os obstáculos que impedem a participação, ao máximo, dos Irmãos na vida, missão e governo dos Institutos aos quais eles mesmos pertencem.

"Os estudos recentemente preparados pela União de Superiores Maiores em antecipação à próxima PLENÁRIA constituem uma base excelente para melhorar a situação jurídica dos Irmãos nos Institutos que também incluem membros que são Sacerdotes. Sobretudo urgimos a abertura dos cargos de superior aos Irmãos. Fazemos um apelo ainda mais profundo para o reconhecimento canônico de determinados Institutos Apostólicos que não são nem clericais nem laicais e sim mistos.

"Estamos convictos de que a vocação do Irmão expressa de modo particular e evidente a natureza autêntica da Vida Religiosa enquanto tal. Em nosso contexto de ESTADOS UNIDOS, que enfatizam a igualdade de direitos, oportunidades e deveres de todos, cremos que a efetiva promoção da vocação do Irmão não é possível se não se permite aos Irmãos um acesso igual aos cargos de governo. Os Irmãos devem ter real participação na vida interna de cada Instituto, na máxima extensão compatível com seu carisma.

"A V REUNIÃO INTERAMERICANA fez sua a Declaração do Conselho da Direção Nacional da CMSM em relação aos Irmãos religiosos, e acrescenta como proposta sua, o seguinte:

"Observamos, além do mais com grande preocupação, que por razões de pastoral e de clericalização da Vida Religiosa em nossos países, o Religioso não Sacerdote parece não ter uma valorização teológica adequada na prática habitual da Igreja e, como consequência, é difícil para nosso povo captar a vocação religiosa laical.

"Tendo em conta que a Vida Religiosa é uma forma de vida evangélica em si mesma, independentemente do sacerdócio, pedimos que essa realidade seja levada em conta na próxima PLENÁRIA da CRIS que estudará esse tema, na hora de se tomarem decisões concretas que afetem as distintas modalidades da Vida Religiosa."

(Esse texto foi emanado pela V INTERAMERICANA — reunião de Representantes das Conferências de Religiosos da AMÉRICA LATINA, ESTADOS UNIDOS E CANADÁ — realizada nos EEUU, de 17 a 22 de novembro de 1985. O texto retoma, na primeira parte, um pronunciamento da CONFERÊNCIA DE SUPERIORES MAIORES MASCULINOS — CMSM — dos EEUU.)

MARGINALIZADOS OU MARGINALIZADORES?

Queria partilhar com os meus companheiros algumas considerações que surgem do trabalho e da missão que estou exercendo atualmente, principalmente no meio de pessoas totalmente abandonadas, e levando as consequências de um passado bem pesado e desajustante; trabalho este conjugado com outro preventivo, a nível de formadores ou responsáveis.

As pessoas que vivem uma grave situação de marginalização no Brasil são milhões; é particularmente impressionante o crescimento nesta época de crise do número de crianças afetadas por este problema e já portadores de comportamentos diferentes e de desajustes.

Hoje não é mais mistério para ninguém que criança desajustada não é tanto fruto de um problema interno dela mesma, mas antes manifestação visível, isto é, sintoma do desajuste dos pais. Em outras palavras, a criança manifesta de forma mais clara e visível, aquelas dimensões profundas, sofrimentos, traumas, desajustes, etc. que os adultos normalmente tentam esconder, mascarar ou transformar, tornando-os assim pouco perceptíveis, mas que não conseguem não carregar nos filhos, e nos outros.

Torna-se assim bem interessante analisar as crianças como meio privilegiado para um melhor conhecimento dos adultos, até para detectar com antecipação às vezes de anos mudanças também profundas no mundo dos adultos, além de poder extrapolar o mundo destas mesmas crianças quando elas se tornarem adultos.

Evidentemente, este estudo pode ser feito com muitas óticas, por exemplo a do comportamento, ou das dinâmicas e conflitualidades profundas, ou da agressividade, do amadurecimento psicológico e humano, etc.

Neste momento queria dizer alguma coisa conforme a ótica dos valores e significantes implícitos que fazem parte da cultura de uma pessoa, valores e significantes que, como sabemos, são em boa parte inconscientes, e por isso

não diretamente explicitáveis e disponíveis para um estudo. Estas dimensões são parte integrante do Superego e da estrutura racional de uma pessoa, e determinam de fato certas evidências fundamentais e boa parte dos comportamentos.

Para simplificar, vamos indicar daqui para frente estas dimensões só com o nome de valores.

Quando nós examinamos de perto os valores introjetados por estas crianças, isto é, aqueles que os adultos e a sociedade estão, conscientemente ou não formando dentro delas, descobrimos que estas crianças e estas pessoas que vivem um verdadeiro processo progressivo de marginalização, e que formam a camada mais afastada da sociedade, sobretudo quando a marginalização é de três gerações ou mais, descobrimos, dizia, valores profundamente diferentes daqueles que implicitamente pensamos existirem em todos os homens de boa vontade.

Falo em marginalização. Ela não se identifica com pobreza; mesmo se, frequentemente as duas dimensões possam ser encontradas nas mesmas pessoas, e até ser causa e efeito uma da outra. Quando falo em pessoa marginalizada, entendo sobretudo quem foi violentado nos seus direitos fundamentais, de ser esperado durante a gravidez, de ser acolhido e amado quando nascido, de ser respeitado quanto às exigências fundamentais de crescimento e de vida, tais como direito à comida, proteção, estudo, trabalho, etc.

No meio destas pessoas, palavras como vida, morte, sofrimento, filhos, casamento, trabalho, fidelidade, amor, paternidade, perdão, ajuda, respeito, ma-

turidade, felicidade, etc. têm um conteúdo simbólico e prático quase sempre totalmente diferente do que nós instintivamente imaginamos. Por exemplo, palavras como agredir, machucar, matar, que despertam em nós, querendo ou não, sentimentos e emoções negativas e angustiantes, podem, pelo contrário, provocar satisfações profundas, sentimentos quase de justiça, orgulho ou bem-estar para eles. Lembro-me de que assistia certa vez a uma celebração com crianças prevalentemente muito pobres e, enquanto o Padre falava com palavras bonitas exortando a se comportar direito, muitas delas ficavam de cabeça baixa, quase dormindo, ou evidentemente incomodadas, até que ele passou a falar de um mártir, ao qual arrancaram a pele pedaço por pedaço; naquele momento foi evidente o despertar da atenção de algumas das crianças que arregalavam os olhos e assumiam uma expressão de profunda satisfação e interesse.

Podemos imaginar também crianças que viveram o abandono familiar por parte do pai ou da mãe e perceberam a violenta carga de injustiça em relação a elas mesmas, o egoísmo radical dos pais que acabaram se preocupando só da própria sobrevivência, jogando o filho nas costas do outro; a violência física e emotiva com a qual foram tratadas.

Para estas crianças palavras como pai, mãe, que para nós suscitaríamos sentimentos um pouco contraditórios, mas em prevalência profundamente positivos, neles suscitam cargas violentas de sofrimento, de desgosto, de rejeição, onde o único elemento que parece positivo é a procura do pai ou da mãe, que a uma certa idade aparece, mas infeliz-

mente não tanto como objeto de amor, mas para tirar satisfação, uma curiosidade, diminuir angústia e poder talvez ter a chance de falar na cara e descarregar uma raiva há muito tempo recalcada. Quem falasse a eles de Deus Pai estaria colocando um atributo em Deus de conteúdo inconsciente ou até conscientemente blasfematório.

Estes são apenas dois pequenos exemplos, dos muitos que se poderiam citar, e que mostram quanto estas pessoas se afastam do nosso modo de perceber as realidades e de reagir.

Dizia antes que, na medida que estes valores são vividos por várias gerações em evidente e progressiva oposição com a sociedade tradicional, acabam se estruturando de uma forma tão madura, estável e profunda que temos de reconhecer que estamos caminhando em direção a uma nova cultura que supera as diferenças resultantes da multiplicidade das origens étnicas e culturais dos brasileiros. Em outras palavras, está se formando no Brasil um novo "povo", culturalmente separado e em oposição, e que está aos poucos afirmando a sua autonomia, os seus diferentes direitos e exigências de vida.

Alguém poderia objetar que isto acontece em qualquer nação do mundo; isso é verdade do ponto de vista qualitativo, mas não quantitativo. No Brasil, os já radicalmente marginalizados são muitos, ao ponto de formar uma camada da população, e sempre mais numerosos os filhos e netos de pessoas por sua vez marginalizadas, mais numerosos do que o nosso medo ou a nossa angústia nos permitem imaginar.

Estes marginalizados em número crescente já começam a marginalizar

por sua vez o restante da sociedade e, o que é mais importante ainda, a fazer involuir e desintegrar os valores desta velha sociedade.

Quando olhamos as grandes cidades, podemos perceber que as casas da sociedade "boa" estão sendo construídas com muros de proteção cada vez mais altos, que aumentam as grades nas janelas, que os conjuntos habitacionais fazem questão de ser sempre mais fechados e protegidos, que as pessoas têm medo, se armam, colocam guardas nas portas, não saem à noite, e, o que é pior, começam a justificar, e até se vangloriar do "lícito" uso da contravolência. Quem mata ladrão que entra dentro de casa para assaltar, faz bem, e encontra uma aprovação sempre mais generalizada. Mas, notemos bem: quando alguém penetra em moradia alheia para roubar, mesmo quando é para matar a fome sua e dos filhos, isto é, para defender o bem fundamental que é a vida, comete sempre um crime tão grave que não adiantam justificações, se fosse morto na hora muitos aprovariam, mas quando pelo contrário quem dentro de uma casa bem abastada mata alguém para defender seus bens em boa parte ou totalmente supérfluos, está agindo por legítima defesa...

Aos poucos está se generalizando uma involução e uma quebra de valores, uma ampliação do círculo vicioso, violência que gera violência, que eles condenam nos outros, mas aprovam em si. As leis, que deveriam se constituir em elemento de continuidade e garantia da justiça no tempo, estão sendo interpretadas, utilizadas e às vezes até feitas com uma defasagem bem grave em relação à primitiva intenção do legislador.

A sociedade "boa", a sociedade "normal" que marginalizou ou que aceitou a marginalização dos pobres está sofrendo agora os efeitos dum tiro que sai pela culatra, que está ferindo muitos dos seus indivíduos, que está degradando ainda mais seus próprios valores, que está provocando uma progressiva marginalização de uma parte de si mesma, que passa a viver, mesmo se abastada, uma situação sempre menos humana e digna.

Dizia que o fenômeno hoje é preocupante não apenas pelas dinâmicas em si, mas pela intensidade que está alcançando, pelo número enorme de pessoas que já foram atingidas de um lado e do outro, pela violência das soluções adotadas.

Alguém poderia se perguntar se, nesta altura, uma séria reforma social não resolveria. Pessoalmente acho que não, pois a injustiça social originária já durou tanto que os injustiçados foram profundamente atingidos, e entraram num processo dinâmico de mudança, que, por sua vez, se tornou sempre mais independente em relação à causa que o originou. Uma simples remoção desta, mesmo se urgentíssima e indispensável, já não é mais suficiente. O problema, que, de início, era principalmente social, passou a incluir aspectos psicológicos e antropológicos cada vez mais importantes.

E aqui chega o ponto que nos toca, como Padres, mais de perto. Quando nós falamos em pobres, na Igreja dos pobres, estamos conscientes que eles, em boa parte, são também marginalizados no sentido específico visto antes, que estão agindo e vivendo forçosamente dinâmicas visíveis e profundas

que os afastam sempre mais do nosso modo de ser, de agir, de refletir e de pregar o Evangelho?

Não estamos talvez numa daquelas encruzilhadas da história, nas quais a Igreja se tornou às vezes ausente? Não seriam estes mais outros sinais dos tempos, que estariam nos pedindo um esforço ainda mais profundo de adaptação, uma disponibilidade e uma elasticidade mental suficientes para perceber alguma coisa da situação de extrema violência ativa e passiva e de sofrimento desta camada de pobres, da chance de mudança social que ela encerra, e que desesperadamente pressiona as atuais estruturas da sociedade, fora de qualquer esquema previsto por nós, e da insuficiência do nosso vocabulário e raciocínios para nos relacionarmos com eles, dar voz e vez e comunicarmos a mensagem evangélica?

Quando o Papa, em fevereiro, pediu aos religiosos a promessa de se consagrarem aos pobres por meio dos votos, pediu um compromisso do qual aos poucos vamos descobrindo a amplitude.

Pe. Clóvis Piazza, SJ

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DA AMÉRICA

Cardeal Pirônio

Virgem da Esperança, Mãe dos pobres, Senhora dos que peregrinam: escuta-nos! Hoje te pedimos pela América Latina, o Continente que tu visitas com os pés descalços, oferecendo-lhe a riqueza do Menino que tem nos braços. Um Menino frágil, que nos faz

fortes, um menino pobre, que nos faz ricos, um menino escravo, que nos faz livres.

Virgem da Esperança, a América desperta! Sobre suas montanhas desponta a luz de uma nova manhã. É o dia da Salvação que se aproxima. Sobre os povos que caminhavam na treva, brilhou uma luz! Essa Luz é o Senhor que Tu nos deste, há muito tempo, em Belém, à meia-noite.

Queremos caminhar na esperança! Mãe dos pobres, há muita miséria entre nós. Falta o pão material em muitas casas. Falta o pão da verdade em muitas mentes. Falta o pão do amor em muitos homens. Falta o pão do Senhor em muitos povos.

Tu conheces a pobreza e a viveste. Dá-nos alma de pobres para sermos felizes. Mas, alivia a miséria dos corpos e arranca do coração de tantos homens o egoísmo que empobrecer! Senhora dos peregrinos, somos o Povo de Deus na América Latina. Somos a Igreja que peregrina para a Páscoa.

Que os Bispos tenham um coração de Pai. Que os sacerdotes sejam os amigos de Deus para os homens. Que os religiosos mostrem a alegria antecipada do Reino dos céus. Que os leigos sejam, diante do mundo, testemunhas do Senhor Ressuscitado. E que caminhemos junto com todos os homens, partilhando sua angústia e esperança. Que os povos da América Latina se encaminhem para o progresso, pelos caminhos da paz, na justiça.

Nossa Senhora da América, ilumina nossa esperança, alivia nossa pobreza, peregrina conosco para o Pai. **Assim seja!** □

MARIA, MULHER PROFÉTICA

Maria, longe de ser uma mulher passivamente submissa às circunstâncias adversas da vida pessoal e social, foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é vingador dos humildes e oprimidos.

Irmão Ilario Caresia
Marista (FMS)

1 — Introdução

É muito importante, no momento atual da nossa realidade latino-americana, ter uma visão clara do profetismo. Parece-me muito fácil passar de profeta a subversivo, se não se tem bem clara a missão do profeta. E por outro lado, não é mais possível, hoje, ser cristão (e mais ainda religioso) e viver indiferente ou alheado da realidade que nos cerca. Hoje não é mais possível ser neutro, impassível ou desligado da problemática de injustiça que reina no sistema social, econômico e político moderno, sem ser também infiel ao Evangelho. E Maria nos dá a dimensão exata do profetismo, Ela que viveu numa época não muito diferente da nossa. E é o Evangelho que nos a apresenta assim, ainda que de maneira muito sintética. Mas aí nós a vemos retratada nos momentos decisivos, marcantes da vida de Jesus, numa atitude que para a Igreja foi sempre um ponto de referência da própria atitude.

Assim é que, o Vaticano II e mais perto de nós e para nós, Puebla, fazem eco ao Evangelho e mostram Maria estreitamente ligada e comprometida com a sua e com a nossa realidade e no-la apresentam como Mãe, Modelo, Mestra, Inspiradora e sob outros títulos mais. Ela é de fato um ponto de referência perfeito, sempre atual, para todos quantos querem viver o Reino de Deus. E no momento atual isso se aplica especialmente à Igreja e à Vida Religiosa, que vivem um dos momentos mais críticos de sua história, em todas as partes do mundo e especialmente na nossa América Latina. E Maria aparece então como Aquela que dá à Igreja e à Vida Religiosa a dimensão do próprio profetismo e a certeza de não sair da ortodoxia na sua luta junto dos povos que também lutam por sua libertação.

Vamos, então, tentar neste artigo, analisar o papel profético de Maria para com a Igreja e para com a Vida Religiosa, hoje, junto aos povos da

nossa sofrida, injustiçada e oprimida América Latina. Que olhando para Maria, a Igreja e nós, religiosos, assumamos nossa própria missão profética que não podemos esquecer sem sermos infiéis aos apelos do Espírito e à intuição carismática dos nossos fundadores. Tanto a Igreja como a Vida Religiosa ainda são um sinal de esperança e um ponto de apoio (talvez único) de que dispõe o nosso povo latino-americano, na sua luta pela emancipação e libertação, que é um processo irreversível. Se a Igreja não assumir seu lugar, outras ideologias o farão e então teremos perdido mais esta porção do rebanho de Cristo. Olhemos para Maria e peçamo-lhe que nos ilumine no cumprimento desta difícil e árdua missão junto aos nossos irmãos mais necessitados (1).

2 — O profeta no Antigo e no Novo Testamento

Quem era e como atuava o Profeta no seio do Povo eleito? A resposta a esta pergunta é muito importante para entender bem a missão profética de Maria e a nossa própria. A primeira característica do Profeta é que era alguém escolhido no seio do próprio povo, a quem Javé confiava uma missão em relação a esse mesmo povo. Assim sendo, ele não era neutro. Portanto, o que pedia ao povo, em nome de Javé, o aceitava e praticava por primeiro. Era então um Mediador interessado entre Javé e o seu povo e o que anunciava adquiria muito mais força e provocava a adesão do povo: "Nós faremos tudo o que o Senhor disse" (Ex 19,8). As conseqüências desta característica são enormes e importantes. Digamos apenas que hoje o povo só acre-

ditada e aceita uma Igreja comprometida, que está a seu lado, que participa da sua situação. Daqui a importância de a Igreja assumir essa atitude de pobreza e compromisso, de despojamento, para viver pobre e livre das amarras com as classes dominadoras.

Uma segunda característica do profeta é que, normalmente, não tem grandes qualidades pessoais. Deus escolhe os pobres, os fracos, os ignorantes, para deixar patente que é Ele quem age. Assim foi com Moisés, Jeremias, Maria... E uma terceira característica é que a missão do profeta sempre foi espinhosa e difícil, sofrendo e até morrendo em consequência da missão assumida.

Hoje o Concílio nos diz que, dentro do povo de Deus, que é a Igreja, todos somos chamados a ser profetas, primeiro porque só pelo fato de se viver um cristianismo autêntico se é profeta, pois se questionam com isso os valores que a sociedade apresenta, tão distantes dos valores evangélicos. E há muitas formas de ser profeta: pelo testemunho silencioso, pela palavra, pela ação e atuação concreta. É profética a vida contemplativa que questiona seriamente a sociedade hedonista e de consumo que aí está e que não compreende como é possível e que sentido tem viver num claustro, longe de tudo isso. É profeta aquele que, através do ministério da palavra, questiona e denuncia a injustiça e os falsos valores e anuncia a mensagem do Senhor. É profeta aquele que atua concretamente no seio do povo de Deus, através dos ministérios e carismas. Todas essas formas de profetismo têm os seus mártires, que poderiam ser enumerados às dezenas

em nosso martirizado Continente, tal como sucedeu com os Profetas no Antigo Testamento e com o próprio Jesus Cristo, o Profeta do Pai.

3 — Maria, mulher profética

A Igreja e a Vida Religiosa estão vivendo, na América Latina, um período muito difícil e ao mesmo tempo muito rico. Difícil e rico porque, se de um lado lhe exige um despojamento total de tudo o que é mundano (riquezas, prestígio, fama, honras, etc.), de outro lado lhe proporciona a possibilidade de redescobrir, autenticamente o Evangelho e ser farol e guia para o povo justamente por ser despojada e pobre como ele. O papel da Igreja está sendo decisivo para dar a verdadeira dimensão de libertação, com critérios evangélicos, sem violência e sem ódio. Por isso dizemos que a Igreja tem um papel profético indispensável e está pagando o preço por assumir esta sua missão.

Nessa tarefa ingente de ajudar os povos latino-americanos na sua caminhada, é em Maria, mulher profética por excelência, que a Igreja encontra seu modelo, espelho perfeito e inspiração ao mesmo tempo que um apoio seguro. Pela sua vida, suas atitudes, especialmente pelo seu Magnificat, Maria é esse modelo profético. De fato, ainda que não tenha saído a pregar, a denunciar, em praças públicas, sua resposta na Anunciação, qual Profeta, foi a resposta de toda a humanidade, dada através de sua boca. Resposta que possibilitou a vinda do Salvador. Também na visita a Isabel, já com o Salvador no seio, provoca a adesão de fé em Isabel e a purificação de João Ba-

tista. Assim sua presença em Caná, como mediadora entre seu Filho e os noivos, provoca o primeiro sinal de Jesus e a adesão conseqüente dos discípulos: “e os discípulos creram nele” (Jo 2,11). Do mesmo modo sua fidelidade heróica ao pé da Cruz e sua presença orante e materna junto da primeira comunidade cristã, no Cenáculo, implorando a vinda do Espírito Santo, do qual Ela já estava repleta. Em todas as passagens evangélicas, em suma, vemos Maria profeta do exemplo, da palavra e da presença significativa.

É sob esse prisma que hoje, muitos teólogos, os documentos da Igreja, em especial o Vaticano II e Puebla, como já dissemos, e os Papas em particular no-la mostram. Paulo VI, na *Marialis Cultus*, nos diz que “a leitura da Bíblia levará a descobrir como Maria pode ser tomada como espelho das esperanças dos homens do nosso tempo” (37). Cabestrero, por sua vez, afirma que “trata-se hoje de redescobrir, através de Maria, o único centro do Evangelho de Jesus que Ela mesma viveu com categoria e força de ‘primeira crente’, ‘figura exemplar’ e ‘mãe de todos os crentes’. Trata-se de ser confirmada em Maria — em sua fé, sua esperança, sua dor e sua libertação — a palavra que alimenta nossa fé e nossa esperança de libertação na dor.

“Trata-se de ler em voz alta a experiência que viveu Maria, do Deus libertador, para iluminar nossa experiência do mesmo Deus. Trata-se de passar, na pregação, da mariologia da pureza e exaltação, para a mariologia da fé e da libertação, com todas as suas implicações proféticas e políticas. Em definitivo, procura-se

anunciar a Boa Nova da libertação que Maria creu e viveu com densidade evangélica eficazmente exemplar.

“Mas nem sempre se captou com fidelidade esta mensagem de Maria. Talvez, muitas vezes, confundimos a Mãe dos pobres com a ‘Mãe da resignação’.

“Maria deve, com sua mensagem de libertação, tornar a inquietar os corações de todos os cristãos. Como protótipo da mulher que crê, que não desespera em sua luta silenciosa, porém eficaz, é para nós estímulo na tarefa de libertar os homens das escravidões que os amordaçam. Porque Ela creu e lutou, por isso é que a chamamos bem-aventurada. A fé de Maria deve levar-nos a questionar os motivos pelos quais cremos. Não podemos desligar a fé de nossa realidade diária.”

Com seu Sim, a jovem nazaretana se converte num dos personagens-chave da Bíblia e ponto de convergência dos olhares do Antigo e Novo Testamentos. Seu Sim nos introduziu no momento mais solene que já tenha vivido a humanidade desde os dias da criação. Graças a Maria fomos testemunhas da glória do nosso Deus e vimos sua divindade revestida de nossa carne. Desde este momento os olhos de todos os homens confluem neste Filho de Maria. E Maria se converte no protótipo de nossa fé: “bem-aventurada porque creste” (Lc 1,45).

Para a humanidade nova, Maria é o símbolo da libertação total do homem. “Sua mensagem encerra um anúncio tríplice: uma afirmação poderosa de Deus, a resposta de nossa

fé ao seu chamado e uma esperança na eficácia da Palavra divina” (E. Villar).

A linguagem que mais fundo calou na alma popular neste redescobrimento de Maria no Evangelho, é contemplá-la como uma mulher de nossa raça, simples, sem complicações, comprometida de palavra e de ação na libertação dos pobres e marginalizados. Foi isto que fez volver os olhares dos cristãos para esse modelo de fé (fidelidade, de amor compartilhado e de entrega sem reservas.

Mas não podemos parar por aqui. Há em Maria outras facetas que o Evangelho igualmente mostra com nitidez. É o que diz Espinosa, quando escreve que “Maria não é só a mulher simples, ocupada nas tarefas caseiras de seu pequeno povoado, Nazaré. Maria é, sobretudo, a mulher valente que comprometeu sua vida com Deus, para a libertação dos homens, que seguiu em silêncio a Cristo até o Calvário, que triunfou com seu Filho na ressurreição, que viu nascer aquela primeira comunidade de crentes, Igreja do início.

“Maria é também a mulher que continua presente em nossas vidas, ensinando-nos a dizer amém, animando o ritmo da nossa esperança, construindo conosco esta terra que em Cristo se fez nova. Por isso a chamamos Mãe nossa.”

A contemplação desta figura antropológica nos levará a cantar de Maria não tanto seus atributos pessoais ou os aspectos de ordem biológica, quanto os valores divinos e humanos encarnados neste “modelo exímio da condição feminina”. Car-

los Gabarain resumirá toda sua grandeza nestes versos:

“Es la historia sin historia / de una Virgen, pequeña y humilde, / que se llamó María, / y Dios la hizo pobre / pero tan bonita / que se escondió dentro de ella, / tomó carne de su carne, / nació después en sus brazos e la amó / como sólo se ama a una madre, / pero ella siguió siendo pequeña e humilde, / escondida en aquel pueblecito sin historia también / que se llamó Nazaret.”

O Vaticano II, no Capítulo VIII da *Lumen Gentium*, nos mostra de maneira admirável a exemplaridade de Maria em relação à Igreja e ao cristão, bem como sua presença materna atuante no seio desta mesma Igreja. A título de exemplo citamos

apenas duas afirmações: “Assunta aos céus, não abandonou este salvífico múnus, mas por sua múltipla intercessão prossegue em grangear-nos os dons da salvação eterna” (62). “Os cristãos elevam seus olhos a Maria que refulge para toda a comunidade dos eleitos como exemplo de virtudes. (...) Esta Virgem deu, em sua vida, o exemplo daquele materno afeto do qual devem estar animados todos os que cooperam na missão apostólica da Igreja para a regeneração dos homens” (65).

Mas não nos deteremos a analisar este documento. Acredito ser muito importante frente ao momento histórico que estamos vivendo, aprofundar-nos no aspecto profético do Magnificat.

4 — O Magnificat: sua mensagem e conseqüências no contexto de América Latina

Sabemos que Maria viveu num mundo (o contexto histórico, sócio-político-econômico-religioso) bem problematizado e opressor. Desde 63 a.C. a Palestina encontrava-se dominada pelos Romanos (Herodes, Zelotas, ocupação militar). Quando Lucas escreveu o Magnificat (o evangelho da infância de Jesus) provavelmente já acontecera a tomada de Jerusalém por Tito, mas o grupo dos zelotas ainda estava vivo.

A situação religiosa também apresentava tensões (Saduceus, Fariseus, Sacerdotes, influências políticas na religião, culto empobrecido, etc.). É difícil não acreditar que Maria tenha sido influenciada em sua psicologia e em sua espiritualidade pela situação política e religiosa de seu país.

Ela e José serão refugiados políticos no Egito. De volta do exílio, não poderão fixar-se em Belém, mas a situação política os levará a Nazaré (cf. Mt 2,22). Maria não podia deixar de incluir naturalmente o imperador Augusto e Herodes entre os “soberbos de coração”, entre “os poderosos desse mundo” que Deus não escolheu. Ela não podia deixar de ver em Herodes um daqueles ricos que Deus despede de mãos vazias, Herodes e os sacerdotes do alto clero também (Ver E. Hamel in “Le Magnificat, la femme et la promotion de la justice” — Cahiers Marials — de 1978, pg. 158ss.).

Por isso mesmo, no dizer da maioria dos mariólogos, o Magnificat é o Canto Profético de Maria, o

cântico de libertação (2a. estrofe). Sendo que por libertação entendemos "conduzir os homens para a Páscoa" ou, na linguagem paulina, "levar o homem à liberdade para a qual Cristo nos libertou" (Gal 5,1). Nota-se ainda uma perfeita sintonia do cântico de Maria com o Sermão da Montanha. O Magnificat é como que a introdução ao discurso de Jesus que proclama bem-aventurados os que têm um coração de pobre, manso, misericordioso, puro e pacificador, os que sofrem e são perseguidos, os que têm sede da justiça de Deus (cfr. Mt 5,3-12).

Lucas distingue bem a exaltação do pobre e a condenação do rico (Lc 6,26-26): "Bem-aventurados os pobres, porque vosso é o Reino de Deus" (6,20). "Ai de vós, ricos, porque já tivestes a vossa consolação" (6,24). O pobre, sempre aberto e confiante em Deus, acolhe o Reino. O rico, escravo e idólatra da própria riqueza, recusa a salvação oferecida por Deus e já se considera realizado.

É tão rico o Magnificat que, tanto na teologia como na piedade mariana, ele já foi analisado, estudado, meditado e rezado de muitos ângulos, todos muito ricos. Atualmente, devido ao nosso contexto sócio-político-econômico, descobriu-se toda a riqueza de seu conteúdo libertador e profético. "Nossa situação atual, caracterizada como cativo e opressão social e política, apresenta-se como lugar hermenêutico privilegiado para captarmos o sentido recôndito do Magnificat de Maria na sua dimensão sócio-político-econômica. ... O hino da Virgem surgiu num quadro de relações correspondentes

às nossas. Por isso nos soa tão próximo e atual. Evidentemente os termos da situação eram diferentes; mas o tipo de relações entre os termos, o espírito com que a Virgem agiu e reagiu face a eles parecem-nos homólogos. Maria, como por encanto, faz-se nossa contemporânea" (L. Boff). Tentaremos sintetizar aqui o pensamento dos principais autores que se aprofundaram na exploração deste rico filão.

Este canto, que Lucas, inspirado pelo Espírito Santo, colocou nos lábios de Maria, revela-nos bem seus sentimentos e atitudes. É o "espelho da alma de Maria", como muito bem o definiram os Bispos em Puebla (297). E continua o mesmo documento: "Neste poema conquista o seu cume a espiritualidade dos pobres de Javé e o profetismo da Antiga Aliança. É o cântico que anuncia o novo Evangelho de Cristo. É o prelúdio do Sermão da Montanha. Aí Maria se nos manifesta vazia de si própria e depositando toda sua confiança na misericórdia do Pai. No Magnificat manifesta-se como modelo "para os que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social, mas que proclamam com Ela que Deus 'exalta os humildes' e se for o caso 'derruba os poderosos de seus tronos'..." (297).

E Pikasa, comentando o Magnificat, afirma por sua vez que "poucas vezes ouviram-se palavras mais sinceras, gratificantes e explosivas. São palavras sinceras, porque refletem a experiência mais íntima de uma mulher visitada por Deus; gratificantes porque evocam a presença de um Deus que age por meio do amor, e explosivas porque aludem à mudan-

ça radical da nossa terra nas três ordens fundamentais da ideologia, da política e da economia.”

Dufour, por sua vez, afirma que, com seu canto “a Filha de Sião não só se converteu em proclamadora da Palavra de Deus, mas também em caminho de libertação para todos os pobres que confiam no Senhor.” A parte central do Magnificat (Lc 1, 51-53), com efeito, é um poema ao Deus que exalta os humildes e insignificantes, derrubando os poderosos e arrogantes. O prepotente é abatido, o pequenino e oprimido é glorificado. Esta lei se manifesta como verdadeira constante da atividade salvífica de Deus ao longo da história de Israel, e constitui o transfunção explicativo da eleição divina que culminou em Maria.

Por isso, Maria prorrompe espontaneamente em louvores a Deus, porque se reconhece pequena, insignificante, serva... Compreende que só o poder de Deus pode fazer tão grandes coisas em seu favor e em favor de seu povo, a partir de tanta indigência e pequenez. É que Deus tem preferências (cf. Tiago 2,5-6). “As preferências de Deus e sua solicitude misericordiosa se concentram precisamente nos pequeninos que os homens consideram não merecedores de atenção. O Altíssimo, que aborrece tudo quanto tem a pretensão de sobressair (cf. Sl 138,6; Is. 57,15; 66,2), se compraz nos pequenos não porque são débeis, mas porque Ele é Deus” (Dupont).

As palavras do Magnificat de Maria dizem que o mundo querido por Deus é um mundo de justiça. As relações entre os homens devem ter fundamentos sólidos na justiça que

gera a paz e a concórdia. O mundo querido por Deus não pode ser um mundo em que, infelizmente, uns, pouco numerosos, acumulam nas próprias mãos bens excessivos e outros — a grande maioria — sofrem de indigência e miséria. Todavia a fome de justiça, o ardor na luta pela verdade e pela ordem moral na sociedade, não são nem podem ser ódio e violência.

Mas isso não tira o poder de transformação, a contestação e o grito de esperança que se percebem no canto de Maria. O mundo não pode permanecer imerso nesse caudaloso estado de miséria e opressão. Este não é o mundo que Deus quer. A libertação de toda e qualquer forma de injustiça do homem pelo homem ou pelo Estado é tarefa e compromisso do discípulo de Jesus Cristo e de sua Igreja. Nesse sentido, o cântico de Maria permanece como canto de libertação: justiça social, justiça política, igualdade de direitos e comunidade de bens, são os sinais da misericórdia do Messias-Rei cantada por sua Mãe e humilde Serva. É assim que o Evangelho da salvação se torna também o Evangelho da libertação e da promoção do homem. Maria, primeira cristã, é também a primeira revolucionária da nova ordem evangélica.

Assim o Magnificat, canto que revela o coração da Mãe de Jesus e anuncia a História da Salvação, antecipando-se ao anúncio de Jesus, é o testamento espiritual de Maria: nele transparecem as lições de oração, de confiança e compromisso com os pobres, com a sorte dos oprimidos.

Maria de Nazaré, apesar de absolutamente abandonada ao Senhor, longe de ser uma mulher passivamente submissa às circunstâncias adversas da vida pessoal e social, ou vítima da alienação, foi sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é o vingador dos humildes e oprimidos e, se for o caso, derruba de seus tronos os poderosos deste mundo.

Por isso podemos dizer que a dimensão social e política da nossa fé aparece na espiritualidade libertadora do Magnificat de Maria e em Maria do Magnificat: como fidelidade ao plano de Deus que quis fazer de todos os homens seus filhos e irmãos solidários entre si. Por sua fidelidade a Jesus Cristo, nossa fé tem uma conotação político-social, e isso vai acontecendo na medida em que nos convertemos aos pobres, aos necessitados e oprimidos e assumimos a sua causa como nossa, como causa de Jesus.

Mons. Proaño, no Congresso mariano do Equador, analisando o Magnificat, comenta a atitude de Maria e tira importantes conclusões que me permito sintetizar aqui:

a) — **Maria se encontra numa atitude de autêntica pobreza.** Era uma mulher do povo, dedicada às lides domésticas. Maria foi pobre também no sentido do reconhecimento e aceitação da dependência que, como criatura, tinha em relação a Deus criador e dono absoluto de tudo. Por isso declara-se a humilde serva do Senhor.

Essa atitude nos interpela a todos. Sobretudo quando resistimos a optar pela pobreza e pelos pobres. Interpe-

la-nos quando preferimos os ricos e poderosos, quando temos medo de perder um falso prestígio e nos calamamos diante das clamorosas injustiças e opressões dos pobres.

b) — A partir desta atitude de pobreza **interpela os ricos de coração.** Maria não vacila em afirmar que a força vencedora do Senhor “dispersou os soberbos de coração”. E homens de coração soberbo somos todos cada vez que nos endeusamos, e nos transformamos em dominadores da terra e de outros homens.

c) — **Interpela a riqueza dos detentores do poder político.** Rico é o homem de coração soberbo. Para dominar a terra fora dos planos de Deus, o soberbo de coração faz uso do poder político e para dominar politicamente os demais homens mente e engana, manipula e coisifica os outros, deposita toda sua confiança na força das armas, na organização dos partidos, na disciplina imposta pelo medo, pela tortura, pelas ameaças de morte. Denúncia profética da Virgem é, então, “derrubou os poderosos de seus tronos e elevou os humildes.”

d) **Interpela a riqueza do poder do dinheiro.** Esta vai unida à riqueza do poder político e à riqueza da soberba de coração. Os homens ricos de dinheiro, levados por sua ambição política, corrompem corações, para solapar o poder de seus rivais e comprem consciências para acumular votos a seu favor.

Maria, no seu cântico, disse que o Senhor “despediu os ricos de mãos vazias” e em troca, “enche de bens os famintos”. A Virgem nasceu e viveu pobre. Em troca, foi a Mãe do

Filho de Deus feito homem. Trouxe em seu seio o Filho de Deus, viveu com Ele, compartilhou com Ele de todos os sofrimentos. Esta foi sua verdadeira riqueza.

Parece-me que desta análise salta cristalina a atitude que a Igreja da América Latina, sobretudo, deve tomar. E graças a Deus, em quase todos os países, a Igreja está consciente disso e está comprometida com esta atitude profética, que lhe tem custado dissabores, sofrimentos, calúnias, 'desprestígio' perante o poder, e a vida de muitos dos seus pastores e ministros e de muitos dos cristãos engajados na luta pelo Reino. A Igreja está sendo, de fato, sinal de contradição e de questionamento para o sistema sócio-político-econômico vigente. As congregações religiosas descobriram que a fidelidade ao próprio Carisma congregacional passa forçosamente pelo compromisso concreto com os pobres e marginalizados. Há muito ainda que caminhar, mas pelo menos se começou a caminhada.

Ainda aqui, Maria é modelo de coragem. Mulher livre — porque não alienada por nenhum varão nem por nenhum tipo de pressão de nenhum sistema nem erótico, nem pedagógico, nem político — joga tudo o que tem pela libertação: "Derrubou os poderosos de seus tronos e elevou os humildes; encheu de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias" (Lc 1,52-53). Em seu sentido etimológico estrito, "pôr abaixo o que está em cima" é, em latim, subverter = "subvertere". Nestas frases do Magnificat Maria se mostra mestra de subversão, de crítica profética, definindo de antemão a função de

seu Filho, da Igreja e da vocação cristã até a parusia. Maria conhecia as categorias teológicas de seu povo; sua inteligência sadia, clara, sem ataduras nem compromissos, permitia-lhe dizer a verdade, pôr a descoberto a tapeação, ainda que escandalizando os poderosos, o "príncipe deste mundo".

Moltmann diz a mesma coisa com outras palavras: "Pelo seu tom libertador, o cântico de Maria é subversivo. É o hino de uma grande revolução, pois que o Deus no qual Maria exulta tão filialmente, exalta à suprema glória o que era ínfimo... Esse hino ressoa como a Marselhesa do front cristão de libertação na luta entre as potências e os oprimidos deste mundo." E a *Marialis Cultus* completa dizendo que "apesar de absolutamente abandonada à vontade do Senhor, longe de ser uma mulher passivamente submissa ou de uma religiosidade alienante, foi, sim, uma mulher que não duvidou em afirmar que Deus é defensor dos humildes e oprimidos e derruba dos seus tronos os poderosos do mundo (cf. Lc 1,51-53)" (Mc 37). O Magnificat revela, sem dúvida, uma imagem inédita de Maria. Ela proclama neste poema a história de Deus que com seu poder — "seu braço" — transforma as situações humanas, humilhando, destronando e despedindo vazios os soberbos, os poderosos e os ricos, enquanto eleva e cumula com seus bens os pobres. Deus se comprometeu com esta mudança, que caminha para seu estado perfeito. E Maria se comprometeu também e está empenhada nesta história. Os pobres e os humildes sabem quem os exalta. Maria situa-se entre eles.

Esses versos bíblicos continuam sendo a idéia que mais fundo calou nos novos movimentos de libertação humana e cristã. E constituem-se como a mais viva acusação às consciências adormecidas dos cristãos que caminham impassíveis ante o sofrimento de seus irmãos. É impossível chegar a compreender este canto de libertação sem estar liberto. E na linguagem cristã, o termômetro da nossa libertação é a entrega aos pobres e oprimidos. A Igreja, o cristão, só poderá entender a mensagem do Magnificat e terá condições de denunciar a injustiça e lutar eficazmente pelos pobres, quando estiver realmente comprometida com o pobre, vivendo pobremente, livre de todas as amarras que a ligam ao injusto e opressor. Quem compactua com a situação injusta não tem liberdade nem força moral para denunciar, criticar e exigir mudanças. Os partidos políticos, os interesses particulares dos grandes, o sistema dominante, escravizam. Livre é aquele que está comprometido unicamente com o Evangelho. E "quem escolheu o Evangelho, escolheu como consequência inevitável, compartilhar da vida dos mais marginalizados e olhar o mundo e a história a partir deste ângulo" (A. Paoli). E continua o autor: "Há situações em que o Evangelho soa em falso e situações nas quais soa como verdadeiro. Isso depende da disponibilidade ou resistência à Palavra de Deus por parte dos homens protagonistas destas situações. Depende de sua veracidade ou falsidade, da sua justiça ou injustiça, de seu amor ou seu ódio, de que sejam vítimas ou verdugos uns dos outros. Há circunstâncias contra as quais o Evangelho sacode seus pés e silencia sua voz. É onde lhe fazem

dizer o contrário do que diz. E há circunstâncias nas quais o Evangelho recobra e deixa ouvir sua voz com os acentos mais 'evangélicos'. E torna-se então, formidável e temível."

O Magnificat, este canto de protesto, é toda uma acusação aos cristãos de hoje, criados e vivendo em ambientes muito confortáveis e a quem estas palavras evangélicas soam ásperas demais. Palavras que contêm uma ideologia muito dura para ser digerida por homens que rejeitam a sombra de tudo quanto exige sacrifício. Só os cristãos que trabalham pela libertação das injustiças encontrarão neste canto a resposta à esperança e às interrogações que surgem a cada dia.

Todo cristão, e com maior razão, todo religioso e toda Igreja que viva alheada das realidades dos homens, estará a mil anos-luz das realidades existenciais. E o preocupante é que parecemos interessados em afogar este grito doloroso que brota do coração de outros tantos milhões de homens, vítimas da fome e da pobreza. Tapar os olhos a esta realidade é fechar-se ao Evangelho, é dar de ombros à oração de Maria.

O presente que Maria dá em seu canto é o do convite a desentranhar esta verdade que tanto queremos ocultar. O cristão não pode sentir-se indiferente às injustiças humanas e sociais. E é isto que Maria quer imprimir em todos. Arturo Paoli vai mais longe: "O dom que Maria fará a este continente é o de revelar o Deus que 'dispersa os homens de coração soberbo, derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes.' Em poucos lugares da terra, Maria

é o centro de atenção e de esperança como na América Latina. É só olharmos as massas imensas que acorrem aos seus santuários para tocar a imagem de Maria e confiar-lhe sua importância frente ao sofrimento. (...). Os pobres estão descobrindo esta imagem de Maria que o Evangelho nos dá: a que vem colocar na história um fermento de libertação, que sacode suas bases e que imprime o ritmo de "derrubar os poderosos e exaltar os humildes"... Maria pode purificar a luta pela justiça na qual está empenhado o continente, do ódio que cada homem traz em si e dar a esta luta árdua e sangrenta, um objetivo que seja a verdadeira dignidade do homem e não o mesquinho e miserável objetivo descoberto pela sociedade capitalista de conseguir apenas um pouco mais de conforto".

O canto de Maria não está 'no ar', mas surge da terra, da história ensanguentada por aqueles que usam o poder mais como ataque que como defesa do direito que cada ser tem de ascender aos bens essenciais.

Maria está sendo vista, pois, como a Mãe da libertação, a Mãe dos pobres e oprimidos, como Aquela que está profundamente comprometida com seu povo oprimido, como Sinal de esperança para esse povo. É um farol que mantém viva a fé e a esperança dessa gente na sua luta por uma situação melhor e mais justa. Assim Maria, essa mulher simples da nossa raça, favorecida por Deus, Mulher nova, é figura perfeita do discípulo de Cristo e esperança de libertação para quantos peregrinamos no povo de seu Filho.

Ela, uma mulher da terra, que nunca foi líder científico, nem se pronun-

ciou como defensora das reivindicações e direitos humanos, continua seduzindo com um atrativo irresistível a humanidade de hoje. Em nenhum documento deixou estampado seu autógrafo, nenhuma agência de publicidade possui sua fotografia, e no entanto, de nenhuma mulher se falou tanto, se continua escrevendo tão belamente e se erigem monumentos e santuários.

É possível que as palavras do Magnificat levem o temor e a inquietude até o trono dos poderosos e fiquem "ofendidos ante esta linguagem, para eles subversiva. Hoje, mais do que nunca, precisamos da força da mensagem de libertação da Virgem de Nazaré. Seu canto de esperança ao Senhor contrasta sensivelmente com este afã de lucro proclamado pelos falsos profetas da sociedade de consumo. E esta libertação cantada por Maria em sua Anunciação, a vemos realizada nela. Maria é para toda sua raça, prenda e promessa e também mensagem, chamada e tarefa de libertação.

O problema que a Igreja tem hoje para resolver é este: seus responsáveis, em grande parte ainda, sabem encontrar expressões compassivas para com os que vivem nas favelas ou se comovem frente às epidemias, terremotos e injustiças. Suas palavras são justas, mas a posição está equivocada, o enfoque é injusto. Há incoerência entre os sentimentos e a vida. A sensibilidade dos homens de Igreja se manifesta sobre os acontecimentos em juízos que são semelhantes aos dos outros poderes, e a imprensa lhes atribue observações e opiniões sobre os fatos que são opostos às que saem da boca daque-

les que estão sofrendo e lutando para que os humildes sejam exaltados.

A paixão pelo homem, o saber ver onde e como se está gastando sua libertação, não é um problema de lógica, é o resultado de uma opção. Só se compreende a história da pessoa com a qual se vive. De fora, a compaixão é uma burla, a defesa é demagogia e crueldade, e o canto de Maria se torna abstrato e perde o seu sentido.

Por isso mesmo, no dizer de A. Paoli, que endossamos plenamente, “todas as investigações dos teólogos europeus chegam aqui em rajadas mas não provocam nenhuma tentação de heresias. A teologia latino-americana é uma teologia de libertação e está no coração da Bíblia. A tentação contra a fé está presente, por certo, e com toda sua insídia. Mas ninguém se interessa em saber ‘como’ Cristo ressuscitou. Aqui se tem a impressão de que a fé é um todo ou não é nada. Aqui senti a história vazia de ideologia e cheia de homem. Da Europa será sempre impossível captar este fenômeno único e irrepetível; entender esta globalidade. A América Latina não é um continente de primitivos, de analfabetos, é algo totalmente diferente. Aqui todos os problemas se tornam homem. Um europeu que não se deixa despojar de seu cartesianismo e não se converte ao homem, que não aceita esta conversão do intelectual ao existencial, ao vivente, ao cotidiano, permanecerá sempre estranho ao continente latino-americano.”

5 — Conclusão: Magnificat de Maria e missão da Igreja

Devemos buscar uma **mariologia da fé** onde se mostre o sentido da

oração e do encontro religioso. Maria é, antes de tudo, aquela mulher que descobriu a Deus e o aceitou; recebeu seu dom e nesse dom fundou sua existência (em forma de oração e compromisso). Por isso sua figura pode converter-se em tipo para todos os crentes, e mais ainda, para os homens que se acham abertos ao mistério. No compromisso gozoso e exigente da fé temos em Maria um ponto de referência e um modelo.

Partindo disto devemos tender para uma **mariologia da libertação**. A fé é libertadora. A ação de Deus transforma os humildes e pequenos da terra, levando-os a um mundo de grandeza e plenitude que ultrapassa tudo o que o homem possa pedir ou desejar sobre a terra. Essa libertação é “individual” (um dom que cada um deve descobrir pessoalmente); mas é um dom que penetrando sobre o mundo o transforma até às próprias raízes ideológicas, políticas, econômicas. Maria, a donzela doce e silenciosa, é testemunha e manifestação da exigência maior de libertação humana. Onde Ela está, onde o seu gesto é admirado e repetido, tem que desaparecer a montagem de poderes e influxos que destroem o homem; o poder das idéias que envaidecem; a força política que escraviza; a riqueza que destrói os demais. Descobrimos a Deus que salva os humildes, muda (tem de mudar) a própria estrutura social da nossa terra. Por isso devemos afirmar que a verdadeira libertação de Maria não se fez sentir ainda entre os homens; quiçá seja agora o tempo de chamá-la (com os gestos mais que com as palavras) “Nossa Senhora da libertação”, a que redime os escravos, os pequenos e os pobres da terra.

E Maria, **verdadeira Profetisa dos Pobres de Yahveh** porque sumamente **consciente** de sua pobreza (sócio-político-religiosa) e da desproporção imensa entre sua situação com as 'maravilhas' (cf. Lc 1,26-28) nela operadas pelo Deus poderoso e amigo dos pobres; **consciente** de que com a chegada de seus Filho Messias manifesta-se a justiça salvadora e a fidelidade do Deus da Aliança com o seu povo, **proclama profeticamente** que a misericórdia divina será também a característica dos tempos messiânicos.

Em sua experiência pessoal e na história de seu povo, a humilde Virgem de Nazaré descobriu a **"ação libertadora universal de Deus"** e, com ela, a realização da utopia de uma nova humanidade que começa a emergir com a concepção virginal do Messias, seu Filho.

Urge reatualizarmos o Magnificat de Maria em nossa vida. Não basta conhecê-lo, rezá-lo, aprender com ele que "os pobres são o sacramento de Cristo".

Num discurso proferido a 11 de fevereiro de 1979, dizia João Paulo II: "Estamos habituados aos termos do cântico do Magnificat de Maria. A Igreja fê-los seus... Ouvimos muitas vezes essas palavras. Repetimo-las tantas vezes! Procuremos um dia, ao menos uma vez (por que não hoje?), deter-nos diante da admirável transparência deste coração de Maria: é nele e através dele que Deus fala. Fala ao nível que transcende as palavras cotidianas do homem, e talvez mesmo as palavras que serviam cada dia a Myriam de Nazaré... de há pouco noiva de José. Na realidade, não é Maria como que a

esposa do Espírito Santo? É com certeza o Espírito quem dá tal transparência ao seu coração — este coração simples e humilde duma filha de Nazaré — graças às promessas que fizera a Abraão e à sua descendência para sempre (Lc 1,55). Deus está tão misteriosamente presente em toda a história dos homens, das gerações que se sucedem e dos povos, que é capaz de suscitar nessa história, de maneira maravilhosa, uma transparência, uma esperança, um apelo à santidade, uma purificação, uma conversão. Neste sentido, está presente na história dos humildes (...) e dos poderosos. Sim, na história dos famintos, dos oprimidos, dos marginalizados, que sabem ser amados por Ele e nEle encontram coragem, dignidade e esperança; também na história dos ricos, dos opressores, dos homens saciados de tudo, que não escapam ao juízo de Deus e são, eles também, convidados à humildade, à justiça, à partilha, para entrarem no seu reino. Deus está presente na história dos responsáveis e das vítimas da civilização do consumo, que se vai espalhando: quer libertar o homem da escravidão das coisas e colocá-lo, sem cessar, no caminho do amor das pessoas com o espírito de pureza, de pobreza e de simplicidade...

(...) "Alguns interrogam-se hoje sobre a missão da Igreja. Mas não pode a Igreja do nosso tempo entrever nas palavras de Maria a verdade sobre a sua missão? Não contêm elas o que nós podemos, o que nós queremos e o que nós devemos anunciar, proclamar e realizar neste vasto campo em que estão ligadas evangelização e promoção humana, em que a primeira chama a segunda? Não per-

mite o Magnificat responder a questão de saber o que é o progresso, de que promoção se trata, saber também o que significa 'evangelizar', anunciar a Boa Nova aos homens de hoje? Porque este hoje, com as suas misérias e os seus sinais de esperança, constitui em todos os países um desafio à missão profética da Igreja e ao mesmo tempo à sua missão maternal. Trata-se de abrir os corações e as mentalidades a Cristo, ao Evangelho, à escala de valores que é sua, para a elevação do homem completo e de todos os homens. Trata-se de ordenar um mundo menos indigno do homem e do desígnio de Deus sobre ele, e preparar ao mesmo tempo o Reino dos Céus."

Magnificat — **canto** que revela o coração de Mãe e anuncia a história da salvação, qual melodioso prelúdio ao anúncio evangélico de Jesus; — **testamento espiritual** de Maria; — **lição de oração e compro-**

misso que aprendemos na escola materna de Maria; — **eco contagiante** da pobreza de Maria e de sua **paixão** (compaixão) pela sorte dos oprimidos; — **aplicação** a Maria da lei já aplicada a Jesus: o servo humilhado é supremamente exaltado pelo Senhor Misericordioso e Onipotente (cf. Lc 1,46-55 confrontado com Fil 2,6-11); — **hino de libertação** que foge a qualquer explicação apenas de ordem místico-espiritual bem como a qualquer tentativa de interpretação puramente secularizante, mas que deve ser interpretado e completado por outros textos da Boa Nova de Jesus Cristo; — **mensagem de vida nova para a Igreja** que quer imitar e viver plenamente seu modelo e protótipo: a humilde e pobre Virgem Maria — em quem repousou o olhar amoroso de Deus e a quem todas as gerações proclamam bem-aventurada, pois nela DEUS OPEROU MARAVILHAS!

(1) Sempre que, neste artigo, me referir à Igreja, faço-o também diretamente à Vida Religiosa que na Igreja deve ser "um sinal que pode e deve atrair eficazmente todos os seus membros para o cumprimento dedicado dos deveres impostos pela vocação cristã" (L.G. 44).

BIBLIOGRAFIA

(1) Hualde, Antonio C.: "Maria, mujer de la tierra" — EP Bogotá — Colômbia.

(2) Vários, "Misión Abierta", nº 02 — "Maria del Evangelio" abril 1976. (3) Revista Nova Aurora — nº 2, 1985. (4) Autran, Aleixo Maria: — O Magnificat na Teologia e na espiritualidade contemporâneas (pró-manuscrito). (5) Boff Leonardo: "Maria, Mulher Profética e Libertadora", in "O Rosto Materno de Deus" — Vozes — 1979. (6) Marialis Cultus — Paulo VI. (7) Vaticano II: Constituição Dogmática Lumen Gentium, cap. VIII. □

Neutralidade. Viver indiferente, alheado à realidade que nos cerca, desligado, neutro, impassível é sinônimo de infidelidade ao Evangelho. **Sagrado.** A noção de sagrado se desloca hoje das coisas do culto, dos rituais e holocaustos para a ética do dia-a-dia.

AS MULHERES PROFETISAS NO ANTIGO TESTAMENTO

"Quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta e que o Senhor lhe concedesse o Espírito", Nm 11, 29b.

Lúcia Weiler e Tereza Cavalcanti

Rio de Janeiro, RJ

Introdução

Em outubro-novembro do ano passado houve em Buenos Aires um encontro latino-americano de Teologia na perspectiva da mulher. Ali apresentamos um estudo sobre o profetismo das mulheres no A.T. (1). Retomamos aqui o mesmo tema, partindo de outro enfoque.

Antes de entrar no assunto propriamente dito, é preciso deixar claro que a leitura que fazemos dos textos bíblicos não é neutra. Ao contrário, procuramos estar atentas às interrogações que brotam da prática das comunidades cristãs de hoje e aos desafios que se colocam para a Igreja em nosso Continente.

Dentro dessa perspectiva, nossa reflexão se desenvolve aqui em quatro passos: primeiro, uma visão geral do que significa ser profeta; segundo, uma rápida abordagem da condição da mulher no A.T.; em seguida, a apresentação das mulheres

que figuram com o título de "profetisas" no A.T., e finalmente, veremos como o conceito de profetismo pode ser aplicado a outras mulheres que, embora não tenham sido qualificadas como profetisas, desempenharam esse papel.

Não será difícil encontrar as conexões entre o profetismo das mulheres do passado bíblico e aquele que é hoje exercido por mulheres simples do nosso povo. São formas de profetismo que se aproximam bastante do modo como Jesus interpretou e viveu o ser profeta.

1 — O que é ser profeta

1.1 — O profetismo clássico do A.T.

Dentre os termos mais frequentes que a Bíblia utiliza para designar os profetas, temos as expressões "Homem de Deus" e "Chamado" ("Nabi").

Elias e Samuel são conhecidos como "homens de Deus". Israel atribui-lhes este título porque experimenta neles a força poderosa de Deus e os reconhece como homens nos quais está presente o divino, que pode salvar ou matar. Assim, a viúva de Sarepta exclama, após receber das mãos de Elias o seu filho ressuscitado: "Agora eu sei que tu és um homem de Deus e que a palavra de Jahvé em tua boca é a verdade!" (1 Rs 17,24). Enquanto "homem de Deus", o profeta é aquele que zela pela causa de Deus (1 Rs 19,10), que se deixa arrebatado pelo Espírito e que assume tanto a fé como as crises de fé da sua comunidade. Nos momentos de dúvida e desalento, o profeta redescobre os sinais de Deus e os integra em sua vida (2). Por isso sua palavra tem força, e sua pessoa se reveste de uma autoridade surpreendente.

O nome "Nabi" ("chamado") é usado para os profetas clássicos escritores e para os profetas do templo e da corte. Natã, Gad, Elias e todos os profetas a partir de Jeremias são designados assim. Os relatos de vocação dos profetas são bem conhecidos (Is 6; Jr 1,4ss; Am 3, 3-8, etc.). O chamado do Senhor é irresistível, o profeta se sente compelido a falar, a advertir, a denunciar e anunciar (3). Percebe o chamado de Deus através da percepção de sua própria situação pessoal que encarna a situação do povo. Nele, a experiência de pertencer ao povo de Deus se funde com a experiência de pertencer ao Deus do povo (4). Por isso ele se torna sinal da presença atenta de Jahvé no meio de sua comunidade.

No grego, o termo "prophetes" significa "aquele que fala em nome de", no caso, em nome de Deus. O profeta não fala a partir de si mesmo, mas fala o que ouve de Deus, daí a importância da sua própria experiência de fé: "Assim fala o Senhor"... O Novo Testamento entende o prefixo "pro" não apenas de modo instrumental mas também temporal: o profeta anuncia o que há de vir (5).

Intérpretes do presente e do futuro da história, profetas e profetisas atuam não só com palavras, mas também com gestos simbólicos (Is 8,3; Ez 12,1-11; Rt 3,9). São "sentinelas" (Ez 3,17) da fidelidade do povo à Aliança de seu Deus. Ora, tal fidelidade passa pelo atendimento às necessidades dos mais desvalidos, órfãos, viúvas, estrangeiros e escravos (6). Dentro dessa perspectiva, são pessoas livres, que não dependem de concessões nem ao poder do rei, nem ao do clero, mas só devem satisfação a Deus. Surgem nos momentos de crise, quando o povo se encontra ameaçado e dividido, quando a injustiça entre os homens leva à idolatria e à perda de identidade cultural. Então o profeta ou a profetisa (Jz 5,12) se torna "consciência desperta da comunidade" (7). Por sua natureza crítica, a função profética desencadeia frequentemente a perseguição e o martírio.

1.2 — O profetismo de Jesus e da comunidade primitiva

Jesus retoma o papel de profeta, mas dá a esse papel uma inflexão nova (8). Reconhecido como profeta pelo poder de sua palavra e de suas obras (Lc 24,19), ele não pro-

cura diretamente os poderosos para criticá-los. Procura, sim, os pobres e pecadores, para restaurar neles a vida e anunciar-lhes a boa nova do Reino. “Na mente de Jesus o ministério profético é ministério de vida. Ele se dirige aos aflitos, aos abandonados, aos diminuídos, os que não têm vida ou vida plena. A sua missão consiste em mostrar os sinais de vida (...). Entendeu o profetismo mais como uma atividade que se dedica a dar sinais de vida e ressurreição a um povo dolorido, sofredor, esmagado e reduzido a uma condição de morte” (9).

Por outro lado, Jesus retoma em sua vida tudo aquilo que foram os profetas, levando esse ministério às últimas conseqüências. Isto quer dizer que, situando-se como o último mediador enviado pelo Pai após os profetas (Mc 12, 1-11), Jesus se faz a própria mediação entre Deus e seu povo (Hb 1, 1-2).

Ora, a Igreja primitiva continua essa mediação profética, tendo recebido para isso o dom do Espírito. A comunidade dos primeiros cristãos, investida pela força daquele mesmo Espírito que inspirou os profetas, viu-se impelida a testemunhar a ressurreição e anunciar a boa nova. Cessado o tempo dos profetas individuais e terminada a missão do Profeta por excelência, esse ministério se estende agora, renovado, para toda a comunidade. Citando Joel, os Atos dos Apóstolos reinterpreta e aplicam no presente a mensagem bíblica: “E acontecerá nos últimos dias (diz o Senhor) que eu derramarei o meu Espírito sobre toda carne; e profetizarão vossos filhos e vossas filhas...” (At 2,17).

Desde então, é todo o povo de Deus que é chamado para cumprir um desejo muito antigo, que o livro dos Números já colocava na boca de Moisés: “Quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta, e que o Senhor lhe concedesse o Espírito” (Nm 11,29b).

Nota-se, por outro lado, a presença de mulheres no desempenho da missão profética, na Igreja primitiva. O Magnificat se constitui num cântico de forte sabor profético. No momento de luto pela morte de Jesus, as primeiras anunciadoras da ressurreição foram mulheres (Lc 24, 9-10; Mt 28, 8; etc.). Em seguida muitas contribuíram para o avanço da pregação evangélica e a organização de comunidades novas. Os Atos afirmam explicitamente que as quatro filhas de Felipe “profetizavam” (At 21,9). Paulo recomenda a irmã Febe, pedindo que os cristãos de Roma a recebam “em nome do Senhor” (Rm 16, 1-2). Em meio à lista de seus colaboradores, cita diversas mulheres, consumidas pela paixão do trabalho a serviço da Boa Nova, a ponto de arriscarem suas vidas (Rm 16,1-15).

No entanto, o contexto cultural da época não favorecia um ministério profético feminino que se expressasse por meio da palavra. Paulo, embora tão crítico em relação à Lei judaica, retrocede quando a invoca para exortar as mulheres a ficarem caladas nas assembléias (1 Cor 14, 34). Talvez esse aspecto da dominação masculina, que predominou durante tantos séculos na história, tenha propiciado o desenvolvimento de outras formas de profetismo no meio feminino. Essas formas alter-

nativas de profetismo encontram suas raízes bem longe, no passado bíblico, lá onde a sociedade patriarcal circunscrevia dentro de um espaço restrito o papel e a liberdade da mulher. Vejamos então, antes de abordar as características do profetismo feminino, qual era a condição legal e social da mulher no A.T.

2 — A mulher no contexto sócio-cultural do A. T.

A mulher não tinha, na sociedade patriarcal, nenhum princípio de autonomia. Seus direitos dependiam do homem (pai, marido, filho, cunhado...). Como esposa, contava entre as propriedades do marido, que podia repudiá-la por motivos banais (Dt 24,1-4). A legislação era muito mais severa para a esposa do que para o marido, favorecendo o homem em sua posição superior, e só visando proteger alguns direitos mínimos da mulher. Assim, por exemplo, a lei do levirato visava proteger as viúvas numa sociedade em que somente os filhos homens tinham direito à herança, de modo que as viúvas sem filhos enfrentavam um problema econômico grave: por essa lei, o cunhado tornava-se responsável pela viúva de seu irmão, dando-lhe direito à prole e impedindo que a grande família patriarcal desrespeitasse a sua propriedade (Dt 25, 5-10).

A esterilidade era considerada sinônimo de morte. Daí a lamentação de Raquel a Jacó: "Dá-me filhos, senão morrerei" (Gn 30, 3ss). Quanto à mulher escrava, era duplamente discriminada, mais ainda se fosse estrangeira, como vemos na história de Sara e Agar (Gn 16 e 21).

No nível da religião, as mulheres não tinham acesso ao estudo da lei, que era vital para Israel. Sua participação no culto era passiva, sendo-lhes reservado um lugar à parte no templo, onde permaneciam como espectadoras.

A maioria dos textos que se referem à mulher no A.T. fazem-no a partir de sua condição de esposa, mãe ou dona de casa. As virtudes mais elogiadas na mulher, sobretudo nos escritos sapienciais, são: graça, beleza, senso prático, silêncio, pudor, reserva, etc. (11). Por outro lado, são recriminadas aquelas que não se adaptam a seu papel tradicional e submisso (12). O lugar social da mulher na sociedade veterotestamentária é o doméstico, sendo ela considerada uma "menor", ao lado das crianças, dos estrangeiros e dos pagãos (13).

Por todo esse contexto pode-se avaliar o significado surpreendente do fato de que algumas mulheres tenham chegado a emergir como profetisas, reconhecidas pelo povo e registradas nos livros sagrados.

3 — Mulheres chamadas "profetisas" no A. T.

O A.T. menciona explicitamente quatro mulheres "profetisas": Hulda (2Rs 22,14), Débora (Jz 4,4ss), Miriam (Ex 15,20) e a mulher de Isaías (Is 8,3).

Hulda exercia o profetismo como um ofício do templo. Consultada por 5 pessoas, entre as quais o sacerdote Helcias, emite sua profecia em favor do Deus verdadeiro e contra os ídolos feitos por mãos humanas, que para nada servem e são pura ilusão.

Débora, a profetisa, aparece como uma grande líder de seu povo, na época dos Juízes. A narração transmite um crescimento gradativo neste papel de liderança de Débora. No início a posição de Débora é de sentar-se sob a palmeira nas montanhas de Efraim, entre Ramá e Betel, à espera dos israelitas que para lá subiam a fim de resolver questões de julgamento.

O v. 6 apresenta-nos Débora mandando chamar Barac para dizer-lhe que o Senhor Deus ordena que vá mobilizar as tropas para a guerra. O v. 8 apresenta uma surpreendente resposta de Barac, estranha para o contexto patriarcal: "Se fores comigo eu irei, se não fores comigo, não irei".

"Certamente irei contigo", responde ela. "Contudo não será tua a glória na expedição que fazes, porque o Senhor entregará Sísara nas mãos de uma mulher" (Jz 4,8).

No cap. 5, 12 temos o grito que chama, insistentemente, para o "acordar". Acordar de que e para quê? Coloquemos esta pergunta dentro do contexto abordado acima e não será necessário formular uma resposta, pois esta já está implícita.

"Desperta, desperta Débora. Desperta, desperta, entoa o cântico".

O grito de Débora pode ser entendido como uma convocação das mulheres para que elas acordem e assumam sua missão específica dentro da História da Salvação de seu povo.

"Consciência desperta" da comunidade, Débora chama para a luta

as tribos dispersas de Israel, revelando, através de pitorescas observações, que conhece a índole de cada clã (vs 14-18 e 23). Seu canto é uma explosão de entusiasmo que descreve como o Senhor se alia ao seu povo, mostrando seu poder através dos elementos da natureza (5, 20-21).

Nos vs. 24-27, Débora louva a coragem de Jael que liquidou o inimigo, para em seguida descrever com humor a situação das mulheres "atrás das grades da janela", a esperar a volta vitoriosa do general derrotado (vs. 28-30).

O cântico termina num grito de alegria e esperança: "Os que vos amam sejam como o sol quando se levanta em todo o seu esplendor!" (v. 31b).

Num outro contexto encontramos Miriam, irmã de Aarão e Moisés (Ex 15,20). Aqui se trata de festejar a vitória de Israel, ao se ver livre do exército de faraó. Miriam sai pelas ruas com pandeiro, dançando e louvando o Senhor pela libertação operada. Atrás dela todas as mulheres com seus pandeiros seguem o mesmo louvor e cântico de Moisés e de Miriam.

Quanto à mulher de Isaías, o grande profeta da justiça e do direito, nada é dito além de que o próprio Isaías a considera profetisa (Is 8,3) e que esta concebe e gera um filho cujo nome simbólico está relacionado com a missão do profeta. Este fato lembra o papel profético de tantas mulheres que, mesmo ficando no anonimato, exercem influência sábia e orientadora sobre os líderes do povo.

Como se pode ver, são poucas as referências explícitas a mulheres profetisas no A.T.. De todas as quatro mencionadas, apenas uma, Débora, tem sua história e suas ações registradas com alguma nitidez. No entanto, a força do texto como que transborda e se projeta na história de outras mulheres do A.T., também elas “consciência desperta” e símbolo de esperança do povo. O profetismo de Débora é também o de Rute, Judite, Ester, Tamar, e o de tantas outras que a memória do povo guardou... ou esqueceu. Passemos a analisar o que nos parece típico desse profetismo feminino.

4 — O profetismo das mulheres no A. T.

4.1 — Uma primeira observação a se fazer é que o profetismo feminino é bastante **antigo em Israel**, antecedendo o movimento dos grandes profetas (homens) que surgem fundamentalmente no período dos Reis, entre os séculos IX e VI a.C. Ora, Miriam é situada antes da instalação das tribos na terra de Canaã; Débora surge no tempo dos Juízes, como também Rute, que a nosso ver é uma figura com forte conotação profética.

Interessa-nos recordar o tempo dos Juízes, não só porque ali surgiram mulheres profetisas, mas também por causa da semelhança que aquele período apresenta em relação a situações bem atuais.

As tribos não estavam unificadas nem organizadas, sofrendo constantes expulsões de suas terras e refugiando-se nas montanhas. Dependendo das fontes de água da planície,

tinham que pagar com seus produtos o acesso aos poços e fontes em poder de povos mais fortes. Além de dispersas e com poucos recursos naturais, as tribos de Israel estavam em franca inferioridade militar em comparação com seus inimigos: o general Sísara, do rei Yabin, comandava 900 carros de ferro! (Jz 4,3). Duramente explorado, o povo tentava desenvolver pequenos mecanismos de resistência:

— a astúcia — Aod diz-se portador de “um recado de Deus” para o rei Eglon e, uma vez a sós com ele, saca o punhal com a mão esquerda e o mata (Jz 3,19-21); Jael convida Sísara, o general inimigo, a entrar em sua tenda a fim de protegê-lo, mas assim que ele dorme, ela o mata (Jz 4,17-21);

— a desobediência civil — Ge-deão debulha o trigo às escondidas para não ter que pagar o tributo aos medianistas (Jz 6,11);

— o apoio na lei — para reivindicar os seus direitos (Rute e Noemi);

— o uso da sabedoria nos momentos de crise e indecisão (Débora);

— a solidariedade entre as tribos (Jz 5,13-19);

— e, sobretudo, o clamor a Jahvé — o livro dos Juízes está todo percorrido pela dinâmica do pecado do povo, o seu abandono por Deus e o clamor arrependido e quase desesperado do povo, seguido do atendimento de Jahvé a esse clamor.

Dentro de todo esse contexto, a reação das mulheres é um compo-

nente fundamental. Elas se acham presentes em todas as táticas de luta pela sobrevivência e pela continuidade das energias de vida do povo, alimentadas pela fé no Deus da Aliança.

A liderança e sabedoria profética de mulheres surge também em outros períodos da história de Israel. Em geral são momentos de grave ameaça à sobrevivência do povo (os livros de Judite e Ester foram escritos na época da dominação grega e da reação dos Macabeus), ou em momentos de grande sofrimento e esforço para a reconstrução nacional (a história de Rute é redigida no tempo de Esdras e Neemias, onde a situação da mulher estrangeira era desesperadora).

Portanto, o contexto em que a liderança profética feminina emergiu em Israel foi quase sempre um ambiente de desorganização ou mesmo desestruturação social e cultural (Jz 5, 6-7a), marcado pela ameaça de extinção da família, do clã ou mesmo de todo o povo (Est 3,13), uma atmosfera de falta de esperança e de coragem para reagir. Nessas ocasiões, especialmente quando os chefes de Israel cediam à tentação de capitular diante das dificuldades (14), o Senhor suscitou mulheres fortes para revitalizar o seu povo, restituir-lhe o ânimo e a fé: "As aldeias estavam mortas em Israel, bem mortas, até que tu te levantaste, ó Débora, até que tu te levantaste como mãe em Israel!" (Jz 5,7).

4.2 — Um segundo ponto a ressaltar deriva desse contexto que acabamos de evocar. É a **capacidade de resistência** que caracteriza o profe-

tismo das mulheres na história de Israel. Se os profetas-homens são "filhos e intérpretes da crise", as mulheres-profetisas levam até o último grau a capacidade de **suportar a crise**, sem capitular e sem perder a esperança. Neste aspecto, as figuras de Rute e Noemi, em sua longa trajetória desde a maior desolação até a plenitude da alegria, simbolizam a resistência dos humildes, de todos aqueles para os quais a sociedade nega um lugar (Lc 2,7b) e um futuro. Judite, Ester e a mãe dos Macabeus (2M 7), esta última de modo especial, ilustram a tenacidade confiante com que tantas mulheres esperam "contra toda esperança" (Rm 4,18).

Não podemos deixar de relacionar a atitude dessas protagonistas de Israel com a atuação de tantas mulheres que hoje, seja nas comunidades de base, seja em meio à luta pelos mínimos direitos humanos, manifestam a mesma "mania de ter fé na vida", como diria Milton Nascimento. Pensemos no contexto vivido pelas mães da Praça de Maio, e no acento profético de sua luta de longo fôlego pela justiça e a verdade:

"Mostramos que se pode lutar, de forma não violenta (deixo claro que não somos pacifistas), contra a pior das ditaduras, arrebatando-lhe pequenos espaços a cada dia. Que a luta pela liberdade, a justiça e a vida está acima das ideologias, da religião, da raça. Com o tempo, a verdade se impõe, com moral e com dignidade..." (15).

4.3 — A luta de resistência só é possível se for **coletiva e solidária**. Esta é uma nova característica do profetismo de Débora, Ester, Rute,

Judite, Miriam e outras. O movimento profético de uma forma geral é marcado pelo zelo e a paixão em função da justiça e do direito (Is 1,17). A noção de sagrado se desloca das coisas do culto, dos rituais e holocaustos para a ética do dia-a-dia, a justiça em relação aos mais fracos. Os profetas-homens não se cansam de denunciar a infidelidade dos poderosos, enfrentando, sozinhos, reis e notáveis de Israel a fim de defender os pequenos. Ora, as mulheres profetisas se identificam com esses pequenos e desprotegidos. Sua ação profética consiste em tomar a iniciativa de defender os próprios direitos, despertando a consciência dos oprimidos e convocando para a luta os pusilânimes:

“Ponha-se de pé!”, diz Débora a Barac (Jz 5,12). Se ela tem a ousadia de falar assim, é porque fala em nome de Deus, e sabe que por trás de sua iniciativa conta com o apoio de todo o povo. Sua voz é o eco da esperança da comunidade, a resposta de Deus ao clamor dos oprimidos. Em Rute e Noemi também ressoam as vozes e os suspiros de toda uma classe de mulheres marginalizadas e desprezadas, mas que não desanimavam sem antes tentar todos os recursos para sobreviver e manter sua dignidade.

O caráter coletivo e solidário da postura profética das mulheres no A.T. releva também de sua vigilância no sentido de garantir a sobrevivência física, moral e religiosa do povo. Geradora e protetora da vida, a mulher profetisa é também aquela que guarda e transmite a **memória histórica** do povo (Miriam, Débora, Rute, Judite, Tamar...). Ela o faz

não tanto através da palavra de advertência, como os profetas homens, mas através dos gestos concretos, do **convite para o risco da ação**, e dos cânticos e hinos de louvor.

Hoje podemos encontrar inumeráveis exemplos de atuação profética de grupos e comunidades, muitas vezes liderados por mulheres (16). Pensamos que está em continuidade com os gestos de Débora e Rute, a prática popular de buscar formas criativas e inesperadas de reivindicar direitos que constam na lei mas não são cumpridos. Nos casos em que a lei é omissa ou a justiça morosa, surgem movimentos pacíficos e organizados, destinados a pressionar a autoridade e abrir espaço aos pobres. É o caso das impropriamente chamadas “invasões” de terras. Em tais iniciativas, a presença de mulheres, com seus filhos, é significativa e cria certo constrangimento para aqueles que vêm despejá-los. Do mesmo modo Rute e Ester, em sua posição de fraqueza e ousadia, obtiveram dos poderosos o atendimento de seu pedido (17).

A dimensão comunitária é, portanto, um elemento essencial ao profetismo feminino. Se as mulheres profetisas emergem em momentos de vácuo de lideranças, não é porque normalmente elas não tenham capacidade de liderança; mas sim porque estão **identificadas com o conjunto do povo** cuja memória guardam e transmitem de geração em geração (18); e também porque não há líderes se não houver um povo que os apoie e a quem eles devem prestar contas de seu papel. Se os líderes falham, o povo responde com sua presença de “firmeza permanente”,

que sustenta a história e atravessa as crises. Nessa continuidade em que a vida se re-cria e re-inventa novos caminhos para superar a morte, a presença profética da mulher nos revela sua tenacidade de lutar, até o fim, por aquilo que considera ser vontade de Deus.

Uma certeza de estar do lado de Deus, ou de ter Deus ao seu lado, sustenta a luta de resistência e a identificação com o povo, na pessoa do profeta e da profetisa. Examinemos um pouco essa outra característica.

4.4 — A Fé no Deus dos oprimidos que fez Aliança com seu povo.

A autoridade das profetisas brota de sua fé no Deus dos oprimidos: “Teu poder não está no grande número nem a tua soberania entre os que têm força. És o Deus dos humildes, o socorro dos oprimidos, o amparo dos fracos, o protetor dos abandonados, o salvador dos desesperados” (Jt 9,11).

Eis uma fé tecida em meio a anos de resistência, uma fé curtida e constantemente renascida no sofrimento e na alegria. Por que essa fé encontra ressonância no coração dos homens? Porque, ao recuperar a confiança no Deus do povo, ela devolve ao mesmo tempo a confiança no povo de Deus e a esperança de um futuro de libertação (19). Uma novidade muito significativa do movimento profético de Israel, particularmente presente no profetismo feminino, é a convicção de que o direito do pobre é o direito de Deus.

“Este sentido de fé do povo pôde inspirar na Bíblia toda uma corrente espiritual caracterizada por uma ma-

neira peculiar de colocar sua confiança em Deus, que na tradição da Igreja pôde aparecer, em certas circunstâncias, como insólita ou chocante. Hoje redescobrimos o seu profundo enraizamento no processo da revelação. Encontramo-nos melhor situados para captar o sentido profundo de Deus que essa espiritualidade do povo manteve vivo através de gerações” (20).

A fé no Deus dos pobres vem acompanhada, porém, de uma consciência de responsabilidade perante a Aliança. Ora, um forte acento profético é o zelo pela fidelidade à aliança. As mulheres zelam por esta fidelidade na medida em que convocam o povo a viver de tal modo que as promessas de Deus encontrem condições favoráveis para o seu cumprimento. Não é Deus que precisa ser lembrado de suas promessas, mas o povo deve abrir espaço para que elas sejam realizadas. A relação contratual de Israel e Javé só é viável quando os injustiçados são atendidos. A honra da nação reflete-se em honrar os legalmente desamparados (21). Este dado é sempre de novo lembrado pelas mulheres, nas diversas épocas do AT. Da mesma forma acentuam a fé no Deus único e verdadeiro em oposição aos ídolos pagãos (cf. Jt. 8,18.25-7; e Hulda: 2 Rs 22, 14).

A relação de fé das mulheres profetisas com o Deus dos pequenos é tecida no cotidiano da vida, em meio aos sofrimentos e alegrias diárias, no convívio com as crianças, com jovens e velhos, nas lidas com o corpo, o nascimento e a doença, o crescimento e a morte. Toda essa experiência muito concreta enraíza a fé na vivência da **sabedoria**, bastante típica das mulheres de que fala-

mos. Ao ler as histórias de Débora e Judite vemos como os homens as escutam e seguem seu chamado, reconhecendo sua sabedoria. Rute também é chamada de "virtuosa" (22), e Tamar faz brotar da boca de Judá a exclamação: "Ela foi mais honesta do que eu!" (Gn 38, 26).

A fé no Deus da Aliança se exprime, de modo particular no profetismo, através de cantos de louvor e gritos de lamentação (23). Estes últimos se inscrevem na tradição que vinha desde o Egito: o clamor do povo a Jahvé. O clamor não é apenas um pedido de socorro, mas é também a expressão pública da "ferida", a externalização da dor de toda a nação nos momentos extremos de sofrimento (Est 4,1-3). Mas as primeiras referências a mulheres profetisas no A.T. são para registrar o seu canto de louvor a Jahvé (Débora e Miriam). A história de Judite se encerra com um hino de ação de graças (Jt 16, 1-21), e o livro de Rute termina com o canto coletivo das mulheres, em torno de Noemi (Rt 4, 14-15).

Conclusão

Outros aspectos do profetismo das mulheres no A.T. poderiam ainda ser ressaltados, como a sua liberdade, a exposição da própria vida, o

gosto pela beleza, o humor e até a violência (Débora, Jael, Judite, Ester). Não podemos porém nos estender muito dentro dos limites deste artigo. Particularmente sobre a violência, como característica inegável na vida das profetisas e dos profetas, uma reflexão importante se inicia entre nós (24).

A partir dos elementos que levantamos, porém, já é possível concluir que as profetisas do A.T. se colocam na mesma linha do tipo de profeta que foi Jesus.

Trata-se de um profetismo a serviço da vida e da reconstituição da vida, lá onde ela se encontra ameaçada ou lesada. As mulheres que se sobressaíram em Israel, encarnaram em suas vidas o desejo de viver, a energia de todo o povo, o seu passado, as razões de sua esperança, enfim a sua fé na Aliança com seu Deus. Seu profetismo, a exemplo do que foi depois o profetismo assumido por Jesus, foi um ministério de vida: onde havia morte e esterilidade, mostravam os "atalhos" por onde se reencontra a força e a coragem de viver. Acreditamos que hoje essa mesma atitude renasce de forma surpreendente no povo latino-americano, muitas vezes liderada por mulheres, numa luta incansável e permeada de fé.

NOTAS

(1) Estudo que deve sair na REB, juntamente com as outras contribuições apresentadas no referido encontro. (2) Cf. Mesters, Carlos. "O profeta Elias: inspiração para hoje", in REB, vol. 30, fasc. 119, setembro 1970. (3) Cf. texto

elaborado em vista da preparação da XIV Assembléia Geral Ordinária da CRB, intitulado "Os profetas bíblicos interpelam a vida religiosa". (4) Cf. Mesters, Carlos. "A experiência de Deus nos patriarcas, nos profetas, nos sábios e no

Evangelista S. João", in **Experimentar Deus hoje**, Vozes, Petrópolis, 1974, p. 113. (5) BALZ-SCHNEIDER, *Exegetisches Worterbuch zum N.T.*, Stuttgart-Berlin. Köln-Mainz, 1983, 442-448. (6) Cf. O Código da Aliança: Ex 20, 23-23,19. (7) Cf. "Os profetas bíblicos interpelam a vida religiosa", op. cit., nº 9. (8) Baseamo-nos aqui no artigo "Jesus profeta", de J. COMBLIN, in **Estudos Bíblicos** nº 4, 1985, p. 41-59. (9) Idem. pp. 57-58. (10) Ver também Col 4, 15; Fil 4, 2-3. (11) Cf. poema sobre a mulher virtuosa, em Prov 31, 10-31; ver também Prov 18, 22; Eclo 26, 13ss. (12) Cf. o exemplo típico da rainha Vasti, no livro de Ester 1, 10-17. (13) R. de WAUX, *Les Institutions de l'Ancien Testament I*, Paris, 1958, p. 48: 60-62; 67-69. Sobre a situação da mulher em Israel e na Igreja temos o nº 154 de **Concillium**, com vários artigos. (14) Cf. especialmente Judite, que critica os chefes da cidade por seu medo e falta de fé e passa a liderar ela mesma a reação contra o poderoso inimigo (Jt 8, 11-12.21). (15) Hebe Bonafini, mãe de 2 desaparecidos e presidente das Mães da Praça de Maio. Cf. **Cadernos do Terceiro Mundo**, nº 80, julho 1985, p. 48. (16) Cf. GEBARA, Ivone. "A profecia na vida do povo nor-

destino", in **Estudos Bíblicos**, nº 4, Ed. Vozes, 1984, pp. 60-63. (17) Cf. Rt 3; Est 4,11; 5, 1-2. (18) Cf. 2Tm 1,5, em que Paulo lembra a Timóteo a fé que recebeu de sua mãe e de sua avó: uma fé "sem desvios" e que reside "no coração". (19) Estas idéias estão presentes como referencial permanente na obra de Carlos Mesters. G. Gutiérrez confirma: — "é precisamente a fé e a esperança no Deus do povo que nos constitui como povo de Deus" **La fuerza histórica de los pobres**. CEP (Centro de Estudios y Publicaciones), Lima, 1979, pp. 382-383. (20) Hugo Echegaray, "Derecho del pobre, derecho de Dios", in **Dios de los sencillos**, col. Páginas nº 3, Lima, dez. 1978, p. 134. (21) Cf. CRAIGHAN, John F., "Esther, Judith and Ruth: paradigms of human liberation" in **A Journal of Bible and Theology. Biblical Theology Bulletin**, Vol. XII, January 1982, n. 1, p. 1. (22) Cf. Rt 3, 11b. (23) Já comentamos essa característica no texto referido acima: Cf. nota (1). Aqui apenas mencionamos esse aspecto do profetismo feminino no A.T. (24) Ver, p. ex., os artigos de Rosa Marga Rothe e Ana Maria Rizzante, in **Estudos Bíblicos**, nº 6. □

Um juízo mais rigoroso

Bíblia — "Tenham cuidado com os doutores da Lei. Eles gostam de andar com roupas vistosas, de ser cumprimentados nas praças públicas; gostam das primeiras cadeiras nas sinagogas e dos melhores lugares nos banquetes. Mas eles exploram as viúvas e roubam suas casas. E, para disfarçar, fazem longas orações. Por isso, eles terão um juízo mais rigoroso", Mc 12, 38-40.

Leitor — Três vícios: vaidade, busca sôfrega de bens supérfluos em excesso, hipocrisia. Um quadro moral sombrio e frouxo. Uma experiência pessoal dramática. Confronte-se com esta palavra de Deus. Ouça sua voz e seu arcano. O exame de consciência nos é sempre difícil porque estamos julgando em causa própria. Lembre-se: Deus penetra os ossos, a medula, as articulações. Tudo está nu e a descoberto a seus olhos. Não há lugar para manipulações (**Pe. Marcos de Lima, SDB**).

ABBA — A ORAÇÃO DE JESUS

O precisar com rigor a origem, o contexto e o sentido dos textos da Escritura é um pressuposto indispensável para a fundamentação teológica de uma autêntica espiritualidade cristã.

Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ

Rio de Janeiro, RJ

Em três passagens do Novo Testamento, os textos retêm a palavra original aramaica, ABBA, na expressão da oração ao Pai, por Jesus (Mc 14,36) e pelos cristãos (Gal 4,6 e Rom 8,15). Este dado chamou a atenção de inúmeros estudiosos da Bíblia, que a ele dedicaram vasta bibliografia. Não teria sentido arrolá-la aqui, porque não há neste artigo pretensões de ciência exegética. Mas a ninguém escapa a importância de tais estudos quando se busca uma compreensão mais profunda da oração cristã. O precisar com rigor a origem, o contexto e o sentido dos textos na Escritura — tarefa dos exegetas — é um pressuposto indispensável e uma contribuição inestimável para a fundamentação teológica de uma autêntica espiritualidade cristã. Muita esterilidade, confusão e não poucos desvios, na conceituação e na prática da fé que sustenta e ilumina a vida dos cristãos, provém do uso puramente empírico e devocional ou simplesmente alusivo quando não abusivo da Palavra de Deus.

Desejando partilhar com meus irmãos e irmãs o sentido e alcance da oração em nossa vida, li, reli e sobretudo rezei o Novo Testamento muitas vezes sob esse prisma. Percorri várias obras sobre a **oração de Jesus ao Pai**. Destaco uma, particularmente significativa e rica, pois alia a solidez científica da pesquisa a um fecundo potencial teológico-espiritual de seus resultados. Refiro-me ao notável livro de W. Marchel, no qual me inspiro e me baseio em relação a alguns dados bíblicos que aqui se requerem (*). Situo sua contribuição, porém, no quadro mais amplo de outros estudos sobre o mesmo tema e dentro dos objetivos e da índole deste meu trabalho.

(*) Ver Marchel, W., ABBA, PÈRE. La prière du Christ et des Chrétiens. Études exégétiques sur les origines et la signification de l'invocation à la divinité comme père avant et dans le Nouveau Testament. Rome, Institut Biblique Pontifical, (Analecta Biblica n. 19) 1963.

Vimos anteriormente que a experiência de um **Jesus orante** é um referencial maior na formação da oração cristã dos primórdios, e um dos traços de sua originalidade. Chama a atenção, por certo, que Jesus se dirija a Deus como **PAI** e o faça usando esse termo **ABBA**. Qual a origem, o sentido e o alcance desse termo e desse fato? Que consequências tem isto para a nossa própria oração?

Oração de Jesus e a origem da invocação ao Pai

A imagem da divindade como Pai se inspira nas relações humanas. Por diversos caminhos aí chegaram grupos primitivos e de cunho tribal, como povos longamente caldeados em civilizações antigas ou recentes. Não é novidade o caráter antropomórfico de muitas religiões, criadas pela mente do homem e por sua necessidade de transpor para o mundo dos deuses o universo imediato de seu quotidiano. Grande parte da mitologia clássica, greco-romana, atesta precisamente esta projeção. É compreensível a tendência a tornar acessível e mesmo sensível a representação de um ser que se figura superior e distante. Desde sempre, pois, o homem se deu no tempo "deuses-pais" que ele mesmo criou. Há aí um fenômeno religioso **arcaico**. Esta palavra é tomada aqui não na acepção popular de "antiquado" ou "antigo", mas no sentido etimológico do grego "arquê" ou antropológico-técnico, isto é, **ligado às origens, aos inícios**.

Na antiga tradição semita, comum a vários povos da região que é hoje para nós o Próximo Oriente,

existe também essa concepção arcaica. Ela tem raízes nos laços familiares naturais e os projeta nas relações do homem a Deus como Pai. É, no entanto, uma paternidade metafórica, de iniciativa do homem. Os povos semitas não atribuíram a si mesmos, nem real nem simbolicamente, parentesco físico com os seus deuses. Por aí a tradição semita se distingue tanto da linha antropomórfica das mitologias clássicas, como das formas de totemismo e sobretudo do culto dos "ancestrais", característica, por exemplo, da concepção religiosa de origem africana. Nesta, é evidente a ligação natural pelo sangue entre os vivos e os mortos, uns e outros enfeixados no ciclo da vida. Tampouco, porém, os "ancestrais" se identificam com "divindades", embora se situem no contexto do universo religioso e sejam objeto especial de culto.

Já na tradição específica de Israel, assim como consolidada no Antigo Testamento, a paternidade divina é ligada às origens históricas deste povo semita que, na Bíblia, a si mesmo se explica pela iniciativa de Javé, seu Deus, inconfundível, inefável e irrepresentável, Aquele que É, sem princípio e sem fim, o totalmente outro, transcendente e sem qualquer espécie de dependência humana.

A partir dos textos da Escritura, a idéia da paternidade de Deus para Israel não se prende ao fato da criação, claramente enunciado na explicação do universo e dos homens (Gênesis). Javé é Pai de Israel de modo singular, em razão de duas iniciativas divinas, inteiramente **gratuitas**: a **Eleição** pela qual Deus dá

existência a esta nação (Dt 32,6); a **Aliança**, relação bilateral entre Deus e o Povo, dado central e original, de caráter ético-moral, religioso-histórico. Por aí se fundamenta em Israel a denominação de Deus como Pai. Há aqui um salto qualitativo que contrapõe esta concepção da paternidade de Deus — e, concretamente, deste Deus que é Javé — a todas as formas de paternidade de Deus acima mencionadas.

A estes dois fatos — Eleição e Aliança — o Deuteronomio e os Profetas juntam uma dimensão de aprofundamento. Eles põem em relevo o **amor paterno** de Deus por Israel. O título de Pai nesses escritos evoca uma cadeia de benefícios divinos em favor do Seu povo e uma solicitude especial que privilegia Israel entre todas as nações. A contrapartida de resposta do povo será a fidelidade, a santidade, zelosamente postuladas por Deus.

Depois do Exílio e na tradição sapiencial (livros do Eclesiastes e da Sabedoria em particular) os **justos** serão os verdadeiros filhos em relação ao Pai. Eles, por primeiro e com significado inequívoco, poderão invocar a Deus como Pai, retomando os temas centrais da filiação de Israel: o amor, a fidelidade e a santidade.

O originalidade da **oração de Jesus** e da **oração cristã** ao Pai não se acha, pois, no fato mesmo da invocação da divindade com o título de Pai. Tal invocação é tão antiga quanto universal. Esta originalidade não se encontra tampouco na comunhão e continuidade da relação dos homens a Deus, como Pai, no Antigo e no Novo Testamento. Eleição

e Aliança distinguem radicalmente a paternidade de Deus para Israel em relação aos outros povos. Na concepção integrada da História da Salvação, no cristianismo, que precisamente articula tradição de Israel e tradição cristã, **Eleição** e **Aliança** se projetam para além dos limites culturais de Israel e se estendem ao Povo de Deus, constituído pelo evento salvífico de Jesus Cristo. Para esse Povo, Deus é Pai, mas o é de um modo inteiramente novo. Por um lado, esta novidade se prende à filiação inteiramente singular de Jesus Cristo e nele tem origem. Só o Cristo, o Filho, nos pode fazer conhecer o Pai (Lc 10,22 e Mt 11,27). Ele é, pois, o mediador único na revelação a nós desse Deus que é o seu Pai e que só ele, Jesus, nos leva a conhecer, tendo nisto o sentido radical de sua vida e de sua missão (Jo 17,6-26).

Por outro lado, tal novidade se exprime na sua oração, **ABBA**, cuja plena significação está à base da noção cristã da paternidade divina em relação a Jesus, primeiro, e em relação a nós, de um modo análogo. A originalidade da oração cristã ao Pai se acha, portanto, em diferenças fundamentais de **origem** entre a oração cristã — a de Jesus e a nossa — quando comparada tanto às orações de tradições arcaicas ou antigas que a precederam, quanto, sobretudo, à oração da tradição de Israel, que ela transcende e substitui.

A palavra ABBA na invocação orante de Jesus ao Pai

Não coincidem os exegetas quanto à língua habitual de Jesus. Segundo muitos, Jesus conhecia e fala-

va o aramaico, o hebraico e, talvez, o grego. Há os que pensam que o aramaico suplantou o hebraico na Palestina do seu tempo e se tornou a língua do povo. Há os que julgam ser o aramaico a língua da gente instruída, enquanto o hebraico, em forma dialetal, seria o idioma corrente. Como Jesus se dirigia sobretudo aos pobres e partilhava com eles a sua vida, provavelmente lhes falaria num dialeto hebraico.

Registro estas hipóteses, seja como informação para situar o tema, seja porque a própria discrepância entre elas realça o valor do acordo praticamente unânime sobre que é **aramaica** a invocação na oração do Getsêmani, registrada por Marcos somente, com a palavra ABBA (Mc 14,36). O evangelista reproduziu, portanto, o vocábulo mesmo empregado por Jesus na sua formulação espontânea e original. O termo foi conservado assim pelos discípulos e consignado pelo autor, o que lhe confere autenticidade qualificada (ver análogo em Mc 5,37, com a filha de Jairo).

No seu uso primitivo, esta palavra aramaica é um apelativo do pai segundo a carne. É, pois, um vocábulo da linguagem familiar, normal e profana. Pode ter o sentido do diminutivo-afetivo usado pelas crianças em relação ao pai da terra: "papai", "paizinho".

Este dado tem grande alcance para o tema que nos ocupa, isto é, a identidade da oração cristã a partir da experiência de Jesus que ora. Com efeito, há uma oração, no contexto grave do sofrimento de Jesus, que expressa, na sua literalidade, o termo ABBA, como designação de

Deus, usada pelo mesmo Jesus (Mc 14,36). Este fato sem precedente na piedade vétero-testamentária, assim como registrada na Bíblia, e na tradição judaica do tempo de Jesus, nos põe diante de um traço característico de sua oração. Contrariamente ao uso corrente do seu meio, que invocava Deus sob outros nomes, Jesus introduz ABBA, tomado do uso familiar comum.

Tratar assim o Deus de Israel, seria para os Judeus uma profanação. Jesus não hesita em usá-lo e dar-lhe uma nova qualificação. Rompe com o constrangimento e reza a Deus como uma criança fala a seu "papai". Infundindo assim a semântica do divino neste termo ABBA, tomado ao léxico profano da família humana, Jesus inaugura, por certo, um vocabulário novo. Mais que isto, porém, ele expressa a índole singular de sua relação com Deus. No ambiente palestino, Jesus invoca o Pai a título individual. Como judeu, dirige-se a Deus sob o nome de ABBA. Estes traços sem precedentes destacam a novidade da oração de Jesus e, por conseguinte também, da oração cristã que nela se vai inspirar.

A fórmula grega — *ho patêr* — que se segue ao aramaico ABBA e é registrada por Marcos (14,36), foi acrescentada pelos primeiros cristãos. Jesus mesmo não pronunciou a invocação primeiro em aramaico e, logo depois, em grego. Marcos não juntou o grego ao aramaico à guisa de tradução. Segundo toda a discussão exegética que Marchel analisa, os primeiros cristãos anexaram o termo grego não tanto para atender à comunidade bilingüe greco-judaica, nem para reforçar a in-

vocação segundo o uso enfático judeu de repetir a mesma palavra. Eles o fizeram porque a fórmula acoplada aramaico-grega adquiriu logo sentido e valor específico, estilizando-se no uso litúrgico das comunidades cristãs dos primórdios — ABBA, ho patêr/ ABBA, papai — (ver análogo em “Marana tha”).

A originalidade da oração cristã ao Pai, pois, além da particularidade de sua **origem**, encontra-se também na singularidade da sua **formulação**. Toda a força surpreendente da invocação ABBA nos lábios de Jesus, ao mesmo tempo que revela sua relação **pessoal** a este Deus que é Pai, abre na História da Salvação uma nova **tradição** espiritual que vai alimentar a **oração cristã**, a nossa oração.

Embora só Mc 14,36 registre o aramaico ABBA, a designação, por Jesus, de Deus como PAI, consta, em grego, em 18 textos dos evangelhos. Neles, há 19 invocações (porque Lc 10,21 contém duas) ou 12, se se levam em conta os versículos paralelos. Todos esses textos se situam cronologicamente depois da profissão de Pedro. Neles se articulam **quatro grandes orações**, nas quais Jesus exprime o laço que o une ao Pai. Recebemos por aí, para a nossa oração cristã, a inspiração de quatro paradigmas básicos, pelos quais podemos pautar nossa própria oração individual ou comunitária. Não me é possível, nem seria de minha competência, estudar aqui cada um desses textos, algo plenamente acessível ao leitor junto a autores especializados em exegese. A indicação dos textos, porém, quer ser um convite, na linha espiritual específica deste meu trabalho, a que todos dediquemos tempo, sob a luz

do Espírito, a sintonizar, em nossa relação orante a Deus, com a riqueza original da oração de Jesus ao seu e nosso Pai. Refiro-me às **quatro orações** seguintes:

* A oração de ação de graças pela missão (Mt 11,25-27 e Lc 10,21-22).

* A oração no Getsêmani (Mc 14,36 (Abba) e Mt 26,39 (Meu Pai, pronome usado somente aqui). Ver Lc 22,42 e Jo 12,27-28.

* A oração na cruz (Lc 23,34. 46).

* A oração da união (Jo 17,1-26).

Baseados em um bom número de estudiosos, podemos afirmar que há uma afinidade de fundo entre todas estas invocações. Embora não usando o termo original aramaico, elas traduzem a mesma índole e espontaneidade de Jesus diante do Pai, ao chamá-lo ABBA, Papai. Ainda que diferentes na forma, as três fórmulas gregas (patêr, páter, páter mou) contêm um implícito ABBA, textualmente consignado num só caso, Mc 14,36. ABBA é o eixo de unidade entre estas quatro grandes orações de Jesus e o é sobretudo para nós, quando lido a partir de Mt 11,25-27 (Lc 10,21-22). Com efeito, nesta passagem, Jesus louva e agradece ao Pai pelo **dom** feito aos outros por meio dele, Jesus. Manifesta e sublinha, a um tempo, sua íntima relação ao Pai e sua missão em relação aos homens.

Conclusão

ABBA traduz, expressa e define as comunicações de Jesus com seu

Pai. Revela-nos, por aí, tornando-o de algum modo mais acessível à nossa compreensão, o mistério das mútuas relações entre o Pai e o Filho que, em Jesus, nos é dado, como expressão de amor e de perdão.

ABBA resume a mensagem de Jesus sobre a vida divina e seu alcance para a humanidade de todas as latitudes, com uma novidade singular no universo religioso de todos os tempos, até mesmo em relação à tradição de Israel.

ABBA manifesta, pois, na oração de Jesus, a realização cumulativa e

imprevisível das promessas, para além das expectativas humanas. Por aí se anuncia o início de uma nova era na relação dos homens a Deus. Ela é escatologicamente orientada, mas nos permite antecipar já aqui, em Jesus e por Jesus, a natureza peculiar da sua e da nossa filiação.

ABBA sintetiza, por excelência, a oração do Reino de Deus, que começa a realizar-se aqui e tende constantemente em nós à sua expressão definitiva e plena de comunhão com o Pai, no Filho, pelo Espírito Santo. □

Imitação & Seguimento

Bíblia — “Como eu vos FIZ, assim fazeis vós também”, Jo 13, 15.

Leitor — O que Jesus nos FEZ? Não basta repetir Jesus em palavras e gestos. De muitos modos, concretamente, ELE é inimitável. Para além de olhar simplesmente os acontecimentos, deixar que se nos revele sua profunda intenção. **Seguir.** Só na luz da Páscoa, só na presença do Espírito, seremos capazes de entender sua vida e sua morte. As coisas de Deus não se entendem por mero prolongamento de nossos raciocínios ou pela exatidão de nossos silogismos.

Bíblia — “Eu sou o caminho”, Jo 14, 6.

Leitor — A **história de Jesus** é o caminho dos homens para o Pai. Como a identidade de Jesus lhe é dada por seu ser e agir históricos, assim a identidade do discípulo lhe é conferida pelo reflexo desta história na própria vida. Tudo o mais é enfeite e se reduz à moral da intenção, ou seja, a discurso ineficaz, à coragem ou incontinência verbal. **Seguir** é reassumir. É adesão efetiva à prática histórica de Jesus. É exercício de utopia e de esperança. Delas emana o futuro (Pe. Marcos de Lima, SDB).

O SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO

O seguimento exige, antes de mais nada, a fé-confiança. Como poderiam segui-lo se não acreditassem na sua pessoa? A credibilidade de uma proposta se mede também pela confiança na pessoa de quem a faz.

Pe. Fr. Mateus Rocha, OP

O seguimento de Jesus é um dos temas fundamentais do Evangelho. Lendo-o, topamos várias vezes com esta palavra imperiosa de Jesus: Segue-me! A que corresponde quase sempre esta outra: e ele o seguiu. Seguimento. Esta palavra pode ter um sentido temporal: caminhar atrás de alguém. No Evangelho, todavia, significa sempre seguir alguém como o discípulo segue seu mestre. De modo que seguimento e discipulado são sinônimos. Mas o que é seguir Jesus? Eis a questão sobre a qual desejamos refletir, com o Evangelho nas mãos, tendo em vista porém o nosso contexto de vida.

1. O Seguimento Formal

Há um modo formal de se entender o seguimento de Jesus que consiste apenas em obedecer aos seus ensinamentos. Conhecendo o que Jesus disse em seu Evangelho, tentamos traduzi-lo, em nossa vida. Assim como Jesus foi manso e humilde de coração e recomendou estas virtudes, também nós, seus discípulos, deve-

mos praticá-las. Deste modo, Jesus parece mais objeto de imitação do que propriamente de seguimento.

Nesta perspectiva, Jesus é visto sobretudo como um Sábio ou como um Mestre da vida moral e espiritual. E esta é considerada como algo que se passa entre o homem e Deus. No íntimo do coração. As relações humanas não são esquecidas, mas limitam-se à sua dimensão interpessoal. O Evangelho é então des-historicizado e transformado num código de preceitos e conselhos que norteiam a nossa vida. Estamos assim diante de uma lei abstrata que reduz o cristianismo a uma prática moral e espiritual. Frequentemente a uma vida interior.

Sem compromisso...

Não é raro encontrar pessoas realmente piedosas que vivem o cristianismo, porém, apartadas das realidades da história. Contentam-se em praticar o que Jesus ensinou sobre a vida espiritual. Constatamos entretanto, que as palavras de Jesus que atin-

gem o cerne dos problemas cruciantes do mundo, a justiça por exemplo, ou as deixam insensíveis ou provocam apenas exclamações de dor. Jamais o compromisso e o engajamento.

Existem ainda aqueles que tentam viver o cristianismo, mas que ao mesmo tempo são cúmplices do sistema do mundo, anticristão em sua própria essência. Será, por exemplo, que um magnata da indústria pode ser realmente cristão sem romper com a situação em que vive? Há uma contradição enorme entre o que ele crê e o que vive ou é obrigado a viver, em termos sociais. As pessoas desta categoria, só lhes resta a moral da intenção ou o discurso ineficaz. Poderá haver cristianismo real sem despojamento efetivo de bens? É certo que este e outros problemas afins são de solução muito difícil. E não pretendo cair no utopismo que, no caso, consistiria em esperar que todos os ricos se despojassem efetivamente de seus bens. Assinalo apenas uma contradição muito comum em certos meios cristãos e devotos.

E que dizer daqueles que pretendem aliar cristianismo e opressão? Dois termos que se repelem e que, entretanto, no decorrer da história, às vezes, andaram juntos. Vimos e ainda vemos pessoas que oprimem, em nome do cristianismo. Pelo menos, em nome da civilização cristã. Não me refiro aos que exploram e utilizam a Igreja em benefício próprio ou em benefício de uma classe social. Refiro-me a pessoas que têm uma prática religiosa e que, no entanto, não são apenas cúmplices da opressão, mas diretamente opressoras.

Leitura formal...

O que permite tais desvios, contradições e perversões do cristianismo? Parece-me que pelo menos em parte, é uma leitura formal do Evangelho. Se o reduzo a um conjunto de preceitos e conselhos, não atinjo a sua seiva humana. Lendo-o fora do tempo, cortado das situações concretas em que vivo, não passará de ensinamentos gerais e abstratos cuja aplicação é confiada à minha generosidade e fraqueza. Lendo-o sobretudo cortado da prática de Jesus, pode ser utilizado para justificar ações que Jesus seria o primeiro a condenar.

Há assim um modo de entender-se o seguimento de Jesus que não nos coloca em sua trilha. Seguir a Jesus, neste caso, consiste apenas em obedecer aos seus ensinamentos e imitar as suas virtudes. Já é muito, dirão alguns. Mas será que foi apenas para isso que Jesus chamou os seus discípulos?

2. O Seguimento Real

Existe um outro modo de se entender o seguimento que consiste em tomar o caminho histórico de Jesus. "Eu sou o caminho" (Jo 14,6). Trata-se, aqui, de considerar a própria história de Jesus como base do seguimento. Noutros termos: a história de Jesus é que é o caminho para o Pai e para os homens. Assim como a identidade de Jesus de Nazaré lhe é dada por seu ser e agir históricos, do mesmo modo a identidade do discípulo lhe é conferida pelo reflexo dessa história em sua vida.

Nesta perspectiva, Jesus não é considerado primeiramente como um

Sábio ou um Mestre da vida moral e espiritual, mas como o Profeta escatológico que vem comunicar aos homens os últimos desígnios de Deus. A história pessoal de Jesus, o processo de sua vida, no-lo fazem conhecer melhor do que seus próprios ensinamentos. Estes, aliás, só adquirem um sentido definitivo à luz de sua vida. Não basta, entretanto, isolar ou selecionar este ou aquele episódio da vida de Jesus: é necessário considerá-la como um processo global e coerente.

É claro que os gestos de Jesus não são reiteráveis. Na sua materialidade histórica, pertencem para sempre ao passado. Mas estes gestos têm um sentido que ultrapassa os próprios gestos. Este sentido é que deve ser revivido e encarnado. É indispensável, portanto, captar o sentido global e coerente da vida de Jesus. Daí a importância fundamental do recurso ao seu caminho histórico.

O chamado

Mostra-nos o Evangelho como a todo momento Jesus se aproximava dos pobres, doentes, leprosos, posses- sos, pecadores, que formavam todos uma categoria de pessoas marginali- zadas na sociedade de seu tempo. De todos estes, Jesus exige a fé no Rei- no que se aproxima. É uma fé que se abre para a esperança. A situação em que todos eles se encontravam não era a última possibilidade de sua existência, pois não era esta a últi- ma possibilidade de Deus. A única exigência moral que Jesus fazia (aos pecadores) é que não mais pecassem. Todavia, a fé-esperança no Reino se concretizavam na fé-confiança na pessoa de Jesus. Através desta fé,

criava-se então um vínculo pessoal entre o marginalizado e Jesus. Em todos esses casos, não há um chama- do ao seguimento: há um chamado à fé-esperança. É um fato: nem todos aqueles com os quais Jesus se encon- trou, foram chamados para segui-lo. Constatamos ainda que nem todos que aderiram a Jesus de modo ine- quívoco, receberam o seu chamado (Mc 5,18-20; Lc 19,1-10). Há mes- mo um caso de recusa explícita. E São Mateus precisa que se trata de um escriba (Mt 8,19-20). A alguns, porém, marginalizados ou não, Je- sus chamou para segui-lo (Mt 1,16-20; Mt 9,9-13; Lc 18,18-20).

Em que momento de sua vida pú- blica, decidiu Jesus constituir um grupo de discípulos? Uma leitura in- gênua dos Evangelhos nos levaria a responder que foi na primeira hora. Segundo São João, antes mesmo de iniciar o seu ministério (Jo 1,35-51). Não é plausível. Os Evangelhos não articulam os acontecimentos da vida de Jesus, segundo uma ordem crono- lógica. Por exemplo, os sinóticos nar- ram o incidente do Templo na últi- ma subida de Jesus a Jerusalém (Mt 21,12-16; Mc 11,15-17; Lc 19,45-46), ao passo que João o coloca na primeira (Jo 2,14-16). No tocante ao chamado dos discípulos, admitem os exegetas que as coisas tenham se pas- sado de outro modo. Jesus começou percorrendo a Galiléia e anunciando a chegada iminente do Reino de Deus. Dentre aqueles que se deixa- ram conquistar por sua mensagem, depois de certo tempo, difícil de se precisar, chamou alguns para segui- lo. Os Doze formariam um grupo ainda mais restrito.

3. O Estilo de Vida de Jesus

O chamado ao seguimento inclui exigências que Jesus colocava de uma maneira brutal. É uma constante no Evangelho: Jesus só fazia propostas radicais.

O seguimento exige antes de mais nada a fé-confiança. Como poderiam segui-lo, se não acreditassem em sua pessoa? A credibilidade de uma proposta não se mede apenas por seu conteúdo, mas também pela confiança na pessoa que a faz. Aceitar o chamado de Jesus já é um ato de fé. Por outro lado, fé é um dom do Pai. "Ninguém pode vir a mim, se isto não lhe for concedido pelo Pai" (Jo 6,65).

O seguimento cria um novo tipo de relação com Jesus. A fé não se manifesta apenas na confiança em sua pessoa, mas ainda numa comunidade de vida e de ação. Ao narrar a instituição dos Doze, São Marcos relata que Jesus chamou "para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar" (Mc 3,14). Isto significa que os discípulos formavam um grupo que abraçara o estilo de vida de Jesus e a sua prática. Comunidade de vida e envio em missão acham-se indissoluvelmente unidos. Só haverá missão, se o "ficar com Jesus" permitir ao discípulo representar o seu Mestre.

As condições

Para abraçar o estilo de vida de Jesus, os discípulos tiveram que romper com sua vida anterior. O seguimento de Jesus exige rupturas radicais.

Círculo familiar. "Se alguém vem a mim e não odeia pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo" (Lc 14,26). Somente aquele que está disposto a romper todos os laços humanos poderá partilhar a vida de Jesus e participar de sua missão. Aquele que foi chamado não tem mais o direito de preferir qualquer outra pessoa a Jesus. "E eles, deixando o pai Zebedeu no barco com os empregados o seguiram" (Mc 1,20). O radicalismo de Jesus chega a nos assustar. "Disse a um outro: Segue-me. Esse respondeu: Permite-me ir primeiro enterrar meu pai. Ele replicou: Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus" (Lc 9,59-60). Palavra escandalosa, quase ímpia, aos ouvidos de seus contemporâneos. Para os antigos, nada mais sagrado do que os deveres fúnebres. O chamado de Jesus situa-se acima da lei e dos costumes vigentes. "Um outro disse-lhe ainda: Eu te seguirei, Senhor, mas permite-me primeiro despedir-me dos que estão em minha casa. Jesus, porém, lhe respondeu: Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus" (Lc 9,61-62). Se as tomarmos ao pé da letra, estas palavras nos assustam, como eu dizia. Podem também nos deixar indiferentes, se as julgarmos de tal modo radicais que se tornem impraticáveis. Daí a necessidade de aprendermos o seu sentido perene: o seguimento exige uma disponibilidade total em vista de uma missão a se assumir.

Profissão. O seguimento de Jesus exige uma mudança de profissão. "Segui-me e eu vos tornarei pescadores de homens. E, imediatamente,

deixando as redes, eles o seguiram" (Mc 1,17-18). O discípulo rompe com qualquer projeto pessoal de vida. Doravante, o seu projeto é o de Jesus.

O despojamento efetivo dos bens. O seguimento exige ainda o abandono de tudo que se tem (Lc 18,18-23). Aquele que segue Jesus, por este fato mesmo, adota um novo gênero de existência, marcada pela insegurança. Mas nisso ele comunga com a situação do Filho do Homem que "não tem onde reclinar a cabeça" (Lc 9,558). E no discurso missionário dirigido aos Doze, "recomendou-lhes que não levassem para o caminho a não ser um cajado apenas; nem pão, nem alforje, nem dinheiro no cinto. Mas que andassem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas" (Mc 6,8-9). Os sapatos e o cajado são permitidos, porque ajudarão os mensageiros a desempenhar melhor e mais rapidamente sua missão.

A renúncia à própria vida. "Se alguém quiser vir após, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois, aquele que quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas o que perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, vai salvá-la" (Mc 8,34-35).

Caminho da cruz

O anúncio da chegada do Reino provocava uma grande esperança messiânica no meio do povo. O seguimento de Jesus, apesar das rupturas exigidas, fora feito num clima de entusiasmo e mesmo de exaltação. Em dado momento de sua carreira, Jesus percebeu que caminhava para um confronto com a sociedade judaica e que o esperava um fim trágico.

Teria sido a partir deste instante que fez o primeiro anúncio de sua morte? É muito provável. Seja como for, é certo que, em dado momento, Jesus apresentou uma exigência nova a seus seguidores: carregar a cruz (Mc 8,34; Mt 16,24; Lc 9,23).

Ao ouvir falar em cruz, os discípulos compreendiam muito bem de que se tratava. A crucifixão era um suplício que freqüentemente os romanos inflingiam aos escravos e aos rebeldes políticos, aos subversores da ordem. A história recente da Palestina se achava marcada de crucificados. E não era raro assistir à crucifixão de zelotas. Havia o costume de se entregar ao condenado o "patibulum", isto é, a parte transversal da cruz para que ele a carregasse até o lugar da execução. Este costume talvez esteja na origem da expressão "carregar a sua cruz".

Ao falar na cruz, Jesus certamente critica uma concepção romântica ou festiva de seu seguimento (Mt 20,20-23). Aquele que foi chamado para seguir Jesus tem que tomar o caminho da renúncia de si mesmo, uma renúncia que pode chegar até o sacrifício de sua própria vida. Seguir Jesus é participar também de seu destino.

Comprometidos com o Reino

A vida de Jesus era um exemplo vivo de todas estas rupturas e renúncias. Rompera com a família (Mc 3,20-21.31-35), abandonara a sua profissão de carpinteiro, riquezas não as tinha para delas se despojar e, dentro de pouco tempo, carregaria sua cruz até o Calvário. Não há dúvida, a renúncia faz parte essencial do caminho histórico de Jesus de Na-

zará. Todavia, esta renúncia não se detém em si mesma: abre-se para o Reino de Deus. Ela assume assim um caráter positivo, dada a sua finalidade. O arauto do Reino deve ser um homem inteiramente livre para se entregar à missão.

O seguimento cria um vínculo novo entre o discípulo e Jesus. Cria também um vínculo especial entre aqueles que participam da mesma aventura. A instituição dos discípulos, visava a formar um grupo, uma comunidade de homens libertos das grandes servidões da condição humana, a fim de que pudessem, por isso mesmo, se entregar totalmente ao serviço do Reino.

4. O Seguimento Hoje

O que é seguir Jesus Cristo?

É a adesão efetiva à sua prática histórica.

Os Evangelhos são, com efeito, a narração de uma prática messiânica de libertação. Tudo se constrói em torno do Reino de Deus que será estabelecido pelo Messias. Por isso, não podemos abstrair o ensino de Jesus de sua prática. Ambos se implicam mutuamente. Aliás, não decorreria o primeiro da segunda? É o que parecem sugerir os Atos dos Apóstolos: "Apresentei tudo quanto Jesus fez e ensinou" (At 1,1). E o Evangelho adverte que não basta ouvir as palavras de Jesus: é necessário ainda vivê-las (Mt 7,24-27). Abstraindo o ensino da prática, cai-se facilmente na ideologia que é, como sabemos, um discurso parcial que promove um aspecto da realidade, ocultando outros de igual ou maior importância.

Não estaria, também eu, ideologizando o seguimento de Jesus? Creio que não. Ao propor a prática histórica de Jesus como base e critério do seguimento, aponto um projeto que engloba todas as dimensões do cristianismo e do homem. Nenhuma é privilegiada. Nenhuma é omitida. Todas se enfeixam numa única aspiração: o discípulo. A prática de Jesus nos remete imediatamente à sua pessoa. E, de certo modo, é o fundamento e o horizonte de nosso encontro atual com ele. Em sua substância histórica, constitui um foco de exigências objetivas que iluminam o caminho do discípulo.

Seguindo os passos

Observemos, entretanto, que o seguimento de Jesus não se realiza através de uma imitação servil de sua vida. Jesus de Nazaré não tem segunda edição. O seguimento exige uma fidelidade criadora que consta de dois pontos fundamentais: a inteligência do sentido dos atos e palavras de Jesus e uma liberdade em face das novas situações que vão surgindo no decorrer da história. O que é realmente indispensável é encarnar o sentido de seus gestos e de seus ensinamentos em nosso contexto de vida. Sentido que é uma luz a iluminar o nosso caminho e uma fonte perene de inspiração e de novas realizações. Sentido que assume revestimentos concretos diferentes dos do tempo de Jesus. Daí a importância de levarmos na devida conta as mediações históricas da prática de Jesus.

Tomemos um exemplo: no tempo de Jesus, a partilha se concretizava na escola, na repartição dos próprios

bens. Esta era a sua mediação histórica. Não havia outra realização possível, pois era isso que enxergava a consciência da humanidade. Hoje a partilha continua sendo uma opção cristã, uma exigência do Reino de Deus. Mas, para ser fiel ao Espírito de Jesus, terá que assumir outras mediações históricas, mais eficazes e mais consentâneas com a consciência da humanidade. Igualmente: Jesus não apenas anunciou aos pobres o Reino de Deus, como também trouxe de libertá-los de sua miséria real. Todavia, as mediações concretas desta libertação são próprias do tempo de Jesus. As mediações são sempre históricas. Por isso, não devemos procurar, anacronicamente, nos Evangelhos, os instrumentos concretos da libertação tal qual se faz hoje necessária. O problema de fundo não são as mediações concretas da prática de Jesus, mas a libertação que, hoje, tem necessariamente outras mediações. Portanto: fidelidade criadora. Todavia, não podemos nos esquecer de que esta fidelidade criadora é obra do Espírito que habita na comunidade dos discípulos (1Cor 3,16-17) fecunda e guia a vida de testemunho de cada um de seus membros (Gl 5, 22; Jo 16,13).

Modo novo...

Jesus não estabeleceu nem impôs um modelo detalhado de vida ou de ação. Jesus enviou seus discípulos ao mundo a fim de que eles pudessem prolongar criativamente a lógica de sua prática, nas diferentes circunstâncias históricas em que terão sempre de proclamar, em atos e palavras, o Evangelho do Reino. O que de fato, é modelo para o discípulo, é o modo como Jesus assumiu o seu

contexto histórico. Só seguiremos Jesus prosseguindo o seu caminho através da história.

Vimos que, chamando alguns discípulos para segui-lo, Jesus constituiu uma primeira comunidade em torno de sua pessoa. A Igreja nasceu desta comunidade. A Igreja é o prolongamento desta comunidade, através da história dos homens. Por isso, compete à Igreja como um todo seguir os passos de JESUS CRISTO. De modo que o meu seguimento tem uma base eclesial. O meu seguimento se faz solidariamente com o de todos os discípulos e sob o dinamismo do seguimento da Igreja.

Olhando em torno de mim, talvez constate fraqueza e desvios. Mas também quanta fidelidade, quanto fervor! A história do cristianismo está povoada de discípulos que levaram a sério o seguimento de Jesus. São Domingos, São Francisco e tantos mais perto de nós, no tempo e no espaço. O que é para mim um estímulo e um compromisso. Sobre tudo quando olho para a Igreja de Deus no Brasil que, na contradição e no conflito, procura ser fiel ao caminho histórico de Jesus. Aliás, a Igreja só revela Jesus Cristo ao mundo, quando é fiel à sua prática histórica. "Éreis às vezes apresentados como espetáculo, debaixo de injúrias e tribulações, outras vezes vos tornáveis solidários daqueles que tais coisas sofriam. Vós participastes, com efeito, do sofrimento dos prisioneiros e aceitastes, com alegria, a espoliação de vossos bens, certos de possuir uma fortuna melhor e mais durável. Não percais, pois, a vossa segurança que tamanha recompensa merece. De fato, é de perseverança que tendes ne-

cessidade, para cumprirdes a vontade de Deus e alcançardes o que ele prometeu" (Hb 10,33-36).

Crítérios do Seguimento

Temos no serviço aos pobres um critério infalível do seguimento. Critério que procede da prática de Jesus, do ensino dos Evangelhos, assim como de outros livros do Novo Testamento. Lembremo-nos, todavia, de que o pobre não é uma fatalidade da natureza ou da história: o pobre é resultado de uma organização injusta da sociedade. E como tal, é um empobrecido e oprimido que clama por libertação. Lembremo-nos ainda de que o pobre não é um ser solitário no seio da sociedade. Não pertence a uma classe que, em termos de estrutura social, cristaliza suas carências e alienações: a classe popular que, feita de pobres, é uma classe oprimida. Falar em pobre sem referir-se à classe a que pertence é iludir o fundo do problema.

Um dos fenômenos mais significativos deste fim de século é a tomada de consciência, que se opera nas classes populares, do direito que têm a um futuro diferente. Futuro que virá com a transformação das atuais estruturas econômicas, políticas, sociais e religiosas da sociedade, na linha de participação, em vista da igualdade e da fraternidade. De modo que o serviço ao pobre ultrapassa o socorro e a assistência individual para atingir a presente ordem estabelecida no mundo. O meu próximo não é apenas o ferido que jaz à beira do caminho: hoje, o meu próximo são também as massas humanas, verdadeiros subprodutos da história, que clamam por um mundo de justiça e fraternidade.

Na trilha de Jesus, herdeiro dos profetas de Israel, o serviço aos pobres se faz antes de mais nada pelo reconhecimento de sua dignidade. Reconhecimento que se traduz na opção efetiva pelos pobres, que coloca seus direitos e interesses acima de quaisquer outros. Este é, aliás, o caminho que vem tomando a Igreja latino-americana e que constitui um dos sinais mais alvissareiros para a esperança de todos os homens de boa vontade. Servir aos pobres é servir àquele cuja existência foi uma demonstração viva do que é ser pobre; é servir àquele que, identificando-se com os mais pequeninos (Mt 25,31-46), estabeleceu um critério fundamental de vida cristã. No serviço aos pobres, em suas várias formas, é que se verifica a realidade do seguimento de Jesus.

Acertando o passo

O seguimento de Jesus inaugura um processo em nossa vida. Começamos por acertar os nossos passos com o dele. A convivência com o Evangelho nos faz descobrir as opções de Jesus que se transforma no roteiro de nossa caminhada. Desejamos agir em tudo como ele agiria. Mas todo este processo procede de uma raiz que mergulha nas profundezas de nosso próprio ser: a fé na pessoa de Jesus Cristo.

Sem esta raiz que alimenta as nossas atividades, sem esta luz que ilumina os nossos passos, podemos desviar-nos do caminho. Nosso próprio engajamento na libertação dos pobres pode virar uma pedra de tropeço. Quantos não se deixaram conquistar por mensagens à primeira vista mais eficazes? "Ó Gálatas insen-

satos, quem vos fascinou a vós ante cujos olhos foi desenhada a imagem de Jesus Cristo crucificado?" (Gl 3, 1). É bem verdade que a fé é obscura. Não tem o fulgor da evidência. Por isso mesmo, a fé é sempre inquieta. Por outro lado, quem poderá apontar-nos um caminho diferente do de Jesus e que melhor do que o dele corresponda às aspirações mais profundas do homem? "Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que és o Santo de Deus" (Jo 6,59).

A fé em Jesus Cristo é, sim, a fé no Filho de Deus feito homem. "Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo" (Jo 11,27). Mas a fé no Cristo começa por ser a fé em Jesus. A fé no Filho de Deus começa por ser a fé num homem. E num homem que viveu de tal modo a sua humanidade que se tornou o paradigma de todo homem. Ser discípulo de Jesus é também viver a própria humanidade, em todas as suas dimensões. Ser homem é também seguir o seu caminho.

Raiz de nosso ser mais profundo, fundamento de toda a nossa vida, luz de nosso caminho, a fé em Jesus Cristo é ainda o princípio de nossa identificação com ele. O Senhor, cuja presença reconhecemos na face do pobre e oprimido, acha-se presente também em mim, pela fé e pelo amor. "Que Cristo habite pela fé em vossos corações e que sejais arraigados e fundados no amor" (Ef 3,17). Tomar consciência desta presença que me habita, vivê-la pessoalmente, é uma dimensão do seguimento que não posso descurar. Pois, na medida em que experimentar esta presença, melhor conhecerei as exigências

daquele cujo caminho devo prosseguir. Se o seguimento começa por acertar os meus passos com os de Jesus, termina na identificação com ele. "Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, é o Cristo que vive em mim" (Gl 2,20).

Tal é o caminho do discípulo. Uma utopia? Sem dúvida, o seguimento de Jesus rasga um horizonte utópico: é um ideal a se atingir, ao longo da vida e da história. Creio, porém, que se trata mais precisamente, de uma proposta radical que se dirige àquilo que há de maior em homens que são capazes de compreender a grandeza humana. Será que, como os primeiros discípulos, teremos a coragem de dar uma resposta real ao mesmo chamado que Jesus continua fazendo aos homens de todos os tempos? Soam aos meus ouvidos, como um convite e uma advertência, aquelas palavras de Jesus: "Se permanecerdes na minha palavra, sereis, em verdade, meus discípulos e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (Jo 8,31-32).

5. A Guisa de Conclusão

Resta-nos ainda um problema a considerar: seria o seguimento de Jesus, tal como acabamos de expor, um apelo dirigido a todos os discípulos ou apenas a alguns deles?

Afirmar simplesmente que se dirige a todos, parece uma atitude idealista. É um dado do Evangelho: todos foram chamados ao Reino de Deus, nem todos porém foram chamados a abandonar tudo para seguir Jesus. Lázaro, Marta, Maria, Zaqueu, Nicodemos, José de Arimatéia e tantos outros, eram discípulos de

Jesus, mas continuaram em seu estado de vida, com suas ocupações ordinárias. Afirmar, ao contrário, que o apelo se dirige apenas a alguns é reconhecer a existência de uma elite, de direito, no cristianismo. Neste caso haveria na Igreja um grupo especial que se empenharia pela perfeição do Evangelho, enquanto o resto dos cristãos se limitaria à observância dos mandamentos. Seriam discípulos de segunda ordem. Não cairíamos então na problemática dos fariseus que Jesus condenou com tanta veemência? Como resolver esta questão?

É certo que o chamado ao seguimento se dirige a todos. Não há, em princípio, duas categorias de discípulos. Todos, portanto, são chamados ao seguimento. Ora, como já vimos, o seguimento real se faz pela adesão efetiva à prática histórica de Jesus. Esta é a sua substância. E é claro que o seguimento sempre exigirá renúncias. Nenhum discípulo digno deste nome poderá antepor os seus interesses pessoais aos do Reino. De modo que, repitamo-lo mais uma vez, realiza-se o seguimento na medida em que o discípulo assume efetivamente a prática histórica de Jesus. Esta regra não admite exceção. Não há, portanto, de direito, uma elite evangélica, no cristianismo.

Seguimento e Vida Religiosa

Todavia, alguns são chamados a testemunhar, na Igreja e no mundo, o radicalismo do seguimento. Estes, além de assumir a prática histórica de Jesus, assumem também o seu estilo de vida. O que especifica este grupo é uma opção radical (Mt 13, 44-46). A missão deste grupo é a de ser um sinal vivo, para a Igreja e

para o mundo, do absoluto do Reino. Trata-se, na prática, de uma minoria. Mas de uma minoria que não se fecha sobre si mesma, fazendo de sua vocação um privilégio, porém um compromisso.

Enfim, o seguimento de Jesus é o conteúdo essencial da Vida Religiosa. Situa-se esta na linha do segundo grupo acima mencionado. Ela não goza porém do monopólio do radicalismo. Fora do quadro da Vida Religiosa há muitos discípulos que fazem do radicalismo evangélico a opção fundamental de sua vida. Podemos caracterizar a Vida Religiosa como um compromisso público e permanente que alguns discípulos assumem diante da Igreja de adotar certos meios que os tornam mais disponíveis ao serviço do Reino. Estes meios se concretizam nos votos de pobreza, castidade e obediência, vividos em comunidade. Os votos são uma resposta radical às exigências do seguimento e que nos configuram ao estilo de vida de Jesus. A vida em comum, por sua vez, insere o religioso no dinamismo daquela primeira comunidade constituída dos discípulos que, um dia, abandonaram tudo para seguir Jesus e participar na construção do Reino. A Vida Religiosa é, assim, um modo especial ou particular de seguimento de Jesus, que não exclui outros modos, mas que, no entanto, tem a seu favor uma integralidade de doação.

(1) Fr. Mateus Rocha, faleceu num desastre no dia 23/01/85. Durante muito tempo ele colaborou com a CRB e pudemos sentir seu coração dedicado pela Vida Religiosa. Este artigo é parte do livro de sua autoria. (2) Extraído de NOSSO BOLETIM nº 4, 1985, pg. 4-14, da CRB Regional SÃO PAULO, SP. □

A CRISE DO RELIGIOSO NA MEIA-IDADE

*A pessoa em crise ou transição necessita,
acima de tudo, de muita compreensão.
Não deve ser julgada e,
muito menos, condenada, mas ajudada pacientemente.*

José Luis de Mata

Os norte-americanos preferem o termo "transição" em vez de "crise", devido à conotação negativa desta última palavra. Toda transição apresenta três momentos: insatisfação com o presente, período de testes, e tomada de decisão, retificando ou ratificando a caminhada na consecução do rumo, na mesma direção ou mudando o objetivo.

As causas desses períodos de desestabilização são múltiplas:

1.^a) A própria natureza humana que, ao longo do seu desenvolvimento, oferece perspectivas diferentes, por vezes desencadeando conflitos dramáticos.

2.^a) A condição peculiar do religioso: cada forma de vida imprime matizes próprios às transições ou crises habituais; ao mesmo tempo a Vida Religiosa atenua algumas circunstâncias e agrava outras.

3.^a) Causas estritamente pessoais: grau de maturidade, tipo de caráter e as circunstâncias especiais em que se desenvolve a transição.

Aqui, nos servem principalmente de guia o **Pe. Roldán, SJ** ("As Crises da VR"), **Langlin** ("Psicologia da Espiritualidade Religiosa") e, na parte estritamente psicológica, **Erik Erikson** ("Infância e Sociedade").

1. Crise da intimidade versus isolamento (necessidades afetivas)

1. Descrição da crise: — Pessoa "normal", para Freud, é a que é "capaz de amar e trabalhar".

Superada a crise da identidade, o jovem adulto se vê impulsionado à procura de uma pessoa que lhe sirva de par (amigo, namorado/a, noivo/a, cônjuge), e de uma profissão onde possa trabalhar e produzir.

Na juventude e primeira maturidade, toma relevo a primeira necessidade: o amor.

O amor implica no primeiro grande compromisso, talvez o compromisso máximo da pessoa humana. Nesta caminhada, encontra-se, mui-

tas vezes, consigo mesma em radical solidão. A partir desta solidão, cresce o desejo de união com os demais em geral (como grupo social) e certos indivíduos em particular: amigos e, sobretudo, a união com pessoa que será a vida de sua vida (amor pessoal). Somente a pessoa que se elevou a esta altura poderá usufruir de “experiências culminantes” de que fala Maslow.

Caso não chegar a descobrir o “vós” e o “tu”, tampouco descobriu a si mesma e se realizou a si mesma: será um ser vazio, isolado em seu egocentrismo, deixando de saborear a intimidade. Não é suficiente viver em relacionamentos superficiais com uma multidão de amigos. O fato de não amar, de não doar-se significa condenar-se ao isolamento.

2. Esta crise na VR: — Os religiosos têm necessidade de partilhar a vida na intimidade, pois continuam sendo homens e mulheres, com frequência muito singelos.

Numerosos psicólogos e pensadores, incapazes de compreender a dimensão sobrenatural da nossa forma de vida, nos catalogam como seres frustrados devido ao **voto de castidade**, egoístas e vazios, como se não houvesse outro caminho para chegar à intimidade a não ser o do sexo. Nós, porém, sabemos que renunciamos ao uso conjugal do sexo, mas não ao amor; às expressões eróticas, mas não à intimidade nem à doação.

A renúncia ao amor conjugal e a um lar tem sentido para nós por canalizarmos esta energia para especial intimidade com Cristo e entrega sincera à comunidade e ao povo de Deus.

Haverá religiosos que não chegam a esta intimidade e, ainda que, teoricamente, façam a distinção entre amor e mecanismos sexuais, na prática não chegam a vivenciar o amor em sintonia com a opção de vida que fizeram. Correm eles o perigo do isolamento, da solidão: solteirões ou solteironas egoístas, eunucos não por amor ao Reino, mas por nada. Nestes casos, é natural que irrompa a crise da castidade que, em tais situações, perdeu seu valor.

De um lado, a VR dificulta chegar a esta intimidade, pois não conta com o impulso sexual. Mas conta, de outro lado, com elementos altamente positivos para a conquista desta intimidade, pois facilita o encontro da própria intimidade e identidade, no silêncio, na meditação, nos retiros. Para dar-se é preciso, primeiramente, haver-se encontrado. O encontro com o “Tu Absoluto” propicia nova e transcendente relação com os demais, sem as limitações de outros tipos de relacionamento.

II. Crise da generatividade versus estancamento (necessidade de afirmação)

1. Descrição da crise: — Há uma transição na vida que impulsiona a pessoa: a formar uma família, e a ser útil na profissão escolhida.

Pessoa mais plenamente realizada deve ser “generativa” e dar a outros o que de outros recebeu: vida (saúde), alimentação, educação.

A vida estancou para quem não for capaz disso. Tal pessoa volta ao narcisismo primitivo da infância, olhando somente para si como se a

corrente da vida acabasse nela. Encastela-se no vazio, abdicando da missão de pessoa humana: recebeu tudo e não devolve nada ou pouca coisa. Mima-se a si mesma, como se fosse seu próprio filho, na frase de Freud. Toda a energia, na plenitude da existência, está canalizada para seus probleminhas, seu mal-estar, seus interesses mesquinhos, seus interesses pessoais.

É dos espetáculos mais penosos contemplar pessoa feita, no vigor da idade, centrada na pequena tarefa de cuidar de si mesma, como se ainda fosse criança desvalida.

2. Esta crise na VR: — Sendo pessoa humana, o religioso também experimenta a necessidade de ser generativo. Como?

Com relação à **paternidade/maternidade**, é evidente que não pode o religioso realizá-la fisicamente. Renunciou a ter um cônjuge e seus próprios filhos que lhe absorveriam a maior parte das energias. Estas, votou-as ao bem da humanidade por amor ao Reino. Tal renúncia é dura, tão dura ou mais ainda que a renúncia às sadias relações sexuais. As pessoas não integrantes do estado religioso encontram nos filhos sua duplicação e prolongamento.

E o religioso? O próprio Erikson admite a possibilidade de que pessoas motivadas por interesses de tipo altruísta (arte, ciência, serviço, religião) possam renunciar à geração física sem deixarem de ser generativas. É o caso dos religiosos que devem gerar filhos espirituais, doando-se aos demais como S. Paulo (2 Cor 12,15), sofrendo dores de parto até configurar outros com Cristo (Gál

4,19). Isto ocorre a partir de sua intimidade espiritual, porque generatividade e intimidade são crises correlativas e possuem soluções idênticas.

Mera “substituição” não satisfaz. Requer-se “sublimação” autêntica.

3. Crise do triunfo e da obediência: — Pode vincular-se à crise da generatividade a necessidade de afirmação (autonomia, êxito, “status social”), a crise de triunfo e obediência, de que fala Roldán.

Esta crise pode ser árdua para religiosos especialmente orgulhosos e ávidos, devido quer à grande vitalidade e ambição de ser ou possuir, quer por causa da suscetibilidade nascida de complexo de inferioridade, que necessita compensar. Tais pessoas têm necessidade de dominar, de se destacar, de manipular os demais, de se manter persistentemente no primeiro plano. Esta atitude mascara-se, não raro, sob a capa de apostolado e glória de Deus.

Também podem ser vítimas desta crise, claro, os religiosos em que baixou a motivação espiritual.

Eventuais fracassos, tarefas impostas (acima ou abaixo de suas possibilidades), transferências não desejadas, demissão ou remoção de cargos, discussões com autoridade, etc. podem, ocasionalmente, agravar a crise.

Lembremos que há uma legítima auto-realização ou auto-atualização (Maslow/Rogers): cada qual deve fazer render os talentos recebidos do Senhor. O Pe. Marcelo Azevedo, SJ, diz que os religiosos devem ser, à imitação de Jesus Cristo, personali-

dades bem desabrochadas. O Concílio Vaticano II salientou repetidas vezes a necessidade do respeito da pessoa humana.

III. Crise do sentido da vida ou crise meridiana

O sentido da vida, sua necessidade e crises, constitui a chave da teoria do psiquiatra austríaco Vítor Frankl (que passou três anos nos campos de concentração de Hitler, figura central de um congresso realizado em abril de 1984 na PUC, RS).

A crise do sentido da vida é das mais graves, embora vivida em graus variados. É chamada "meridiana" por ser característica da metade da vida.

Qual o fator desencadeador? A tomada de consciência da monotonia da existência; o fato de não haver alcançado as metas sonhadas na juventude ou na primeira maturidade. A vida não oferece mais muitas novidades, talvez nenhuma. A existência passa rapidamente... e tem pouco sabor.

É como se a pessoa, após anos de luta e esforços, se perguntasse: "Isto é tudo?" Sentir-se-á defraudada e, talvez, defraudadora. Esta sensação reativa a depressão, a monotonia, a perda de esperança. Embora a pessoa tenha reservas de energia, falta-lhe ânimo para utilizá-las.

Na VR, vemos pessoas ainda cheias de vida e qualidades, porém desanimadas, vítimas da rotina... Vegetam.

Alguns deixar-se-ão arrastar pelo demônio da crise, sendo protagonistas de saídas imprevistas, quiçá es-

candalosas, próprias desta idade. Outros continuarão a marcha, aparentemente calmos, mas murchos, talvez feridos por dentro. Outros ainda se instalam numa vida cômoda ou se refugiam em "transtornos nervosos".

A maioria, contudo, vitoriosa das crises anteriores, sairá fortificada, avançando em direção da plenitude e o ocaso da vida com mais realismo e humildade. A sadia solução das crises anteriores e a persistência na prática de vida espiritual madura constituem a melhor garantia para a superação da crise do sentido da existência.

Problemas mal resolvidos (quem, por ex., nunca chegou a pronunciar-se decididamente em favor da opção da VR), aparecem, agora, de forma aguda: a vida se escoa... é o último trem... se perder esta oportunidade para gozar a satisfação de que se privara, terá renunciado à última chance.

O problema do amor (mal resolvido) pode voltar com investidas muito intensas, quase obsessivas, talvez mais do que na juventude. Os anos passam, e os impulsos sexuais surgem com a urgência da derradeira possibilidade de satisfação. Daí quedas escandalosas ou saídas aparentemente inexplicáveis.

O problema do êxito pode, igualmente, irromper violentamente, isolado ou em combinação com outros. Se houve frustrações pessoais intensas; se houve choques com as estruturas ou os superiores; ou se sentiu incompreendido ou maltratado na comunidade e/ou província; caso cresceu o orgulho, acompanhado de baixa na espiritualidade, etc., estamos

em presença de pessoa ferida, que pode optar por abandonar a VR, ou continuar como elemento agressivo ou muito apático, ou talvez (oxalá fosse o caso de todos!) retifique a direção que vinha seguindo, auxiliado fraternalmente pela comunidade.

IV. Solução das crises

A pessoa em crise ou transição necessita, acima de tudo, de muita compreensão. Não deve ser julgada e, muito menos, condenada, mas ajudada fraternal e pacientemente.

* É bom ter algum conhecimento teórico das principais crises possíveis.

* Ter presente que a transição ocorre numa pessoa concreta: seu caráter, estrutura mental, as circunstâncias podem agravá-la ou reduzi-la o impacto.

* Convicção de que a crise pode ser superada se forem usados adequadamente os meios adequados. Casos especiais requerem também meios especiais de solução.

(Resumo de "Las Crises del religioso en su edad madura", in "**Vida Religiosa**", Madrid, 1/1983, p. 38-50, pelo Irmão Henrique Justo, FSC). □

O seguimento real se faz pela adesão efetiva à prática histórica de Jesus. Esta é a sua substância. Esta regra não admite exceção.

Desarmamento & Dissuasão nuclear

João Paulo II: Nas condições atuais, uma dissuasão baseada no equilíbrio, não certamente como um fim em si mesmo, mas como uma etapa no caminho de um desarmamento progressivo, ainda pode ser moralmente aceitável.

Bispos Franceses: Em um mundo onde o homem ainda é o lobo do homem, transformar-se em cordeiro é provocar o lobo. É preciso mostrar a força para não ter de usá-la.

Nunca é demais recordar

(1) **Vida Religiosa** é um chamado pessoal e gratuito de Deus; um propósito de seguir Jesus Cristo radicalmente; uma intensa vida no Espírito mediante a experiência de Deus, em comunidade na vivência da missão. (2) **Secularismo:** concessões e adaptações ao espírito do mundo. (3) **Fidelidade:** capacidade de reter o que é válido do passado; acolher os desafios do presente; abrir-se às perspectivas do futuro. (4) **Profeta:** instrumento de Deus sempre necessitando ser afiado e afinado.

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de maio de 1986

Vê-se, na vida dos Religiosos e de suas Comunidades locais e provinciais, uma busca de intensa genuidade do próprio carisma e de empenho magnânimo nas iniciativas apostólicas. Para o bom êxito nesta tarefa, concorrem vários fatores. **Urge evidenciar**, de maneira clara, **a presença e a ação de Maria**, Mãe de Jesus que é Deus.

A Igreja, em 8.12.1981, no 1550º aniversário do Concílio de Éfeso, **entregou** solenemente a família humana à Santa Mãe de Deus. Novamente, no encerramento do Sínodo Extraordinário celebrando os vinte anos do Concílio Vaticano II, em solene ato, fez a **entrega** do Concílio e os frutos do próprio Sínodo a Nossa Senhora, Mãe da Igreja. Minha Congregação, também, **se entregou confiante a MARIA AUXILIADORA** por ocasião do trabalho conclusivo das Constituições e Regulamentos. São gestos de fé e esperança, num clima projetual de futuro. Com Maria, mais facilmente, nos sentimos parte viva da Igreja.

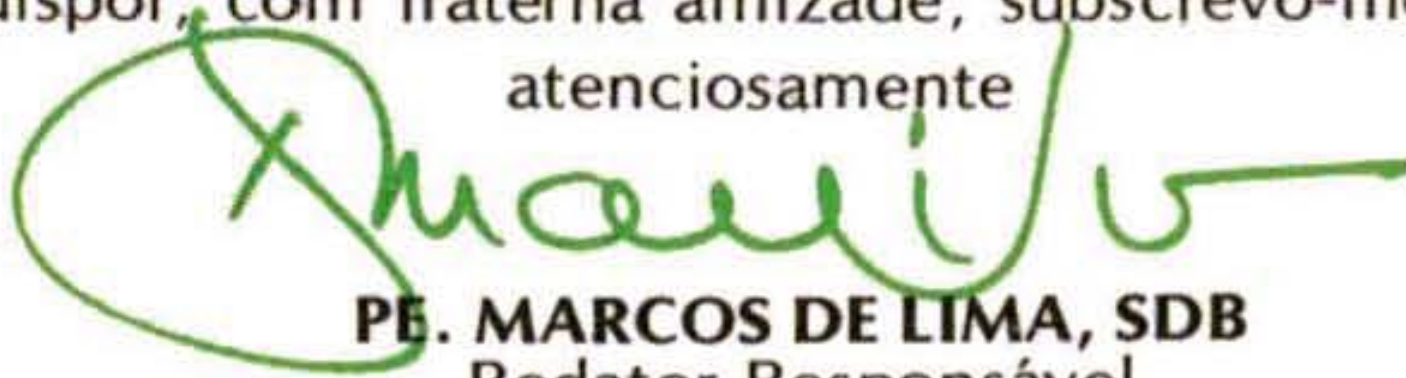
Confie-se, pois, cada um à guarda de Nossa Senhora, ao seu poder de intercessão, à sua privilegiada e materna capacidade de conduzir a Cristo, à sua solícita iniciativa (Jo 2, 3). Confie-se a si mesmo e a sua Congregação, enquanto unidade de espírito e de missão. Cada Religioso precisa experimentar na própria consciência a vontade de abandonar-se a quem foi tão fiel e continua tão influente na economia da salvação.

A presença de Maria, o seu culto, uma entrega confiante a ela: (1) **Implicam** uma visão mais iluminada de nossa especial consagração cristã, religiosa e apostólica. (2) **Favorecem** uma fidelidade dinâmica à vocação e à percepção de sua beleza. (3) **Criam** a família, lugar de maturação cristã e de reta expressão do amor. (4) **São um testemunho** de intuição eclesial na linha da renovação pós-conciliar. Repito: a presença de Maria, seu culto, uma entrega confiante a ela mais do que gesto devocional epidérmico e transitório, são uma confirmação e um relançamento da realidade batismal e religiosa de cada um.

Maio convida a um amadurecimento de nossa devoção mariana. Maria é lembrança insistente à operosidade apostólica; à **coragem e constância proféticas** nas conjunturas complexas e inseguras. É energia espiritual imperceptível e quase clandestina, à primeira vista, mas real e invencível que infunde criatividade do amor e audácia indomável contra qualquer superficialidade espiritual.

A Igreja e a Vida Religiosa nela se preparam na iniciarem seu terceiro milênio de presença e de fermento na história humana. Nesta prospectiva, também, é benéfico sublinhar como a figura de MARIA está associada ao próprio projeto divino da redenção.

Sempre ao seu inteiro dispor, com fraterna amizade, subscrevo-me,
atenciosamente



PE. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável
Convergência e Publicações CRB